

unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Câmpus de Presidente Prudente

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JULCIANE INÊS ANZILAGO

**MULHERES CAMPONESAS EM MOVIMENTO:
SUA ORGANIZAÇÃO E RESISTENCIA NO ASSENTAMENTO FERNANDO SILVA
EM PORANGATU / GOIÁS**

Presidente Prudente
2014

JULCIANE INÊS ANZILAGO

**MULHERES CAMPONESAS EM MOVIMENTO:
SUA ORGANIZAÇÃO E RESISTENCIA NO ASSENTAMENTO FERNANDO SILVA
EM PORANGATU / GOIÁS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp – Campus de Presidente Prudente como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Clifford Andrew Welch
Co-orientador: Profa. Dra. Bernadete Castro.

Presidente Prudente
2014

FICHA CATALOGRAFICA

Anzilago, Julciane Inês

Mulheres Camponesas em Movimento: Sua Organização e Resistencia no Assentamento Fernando Silva em Porangatu- Goiás.

Julciane Inês Anzilago.- Presidente Prudente.[s.n], 2014. XXf.

Orientador: Clifford Andrew Welch

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia

Inclui bibliografia

1. Movimentos socioterritoriais. 2. Mulheres. 3. Reterritorialização. 4. Agronegócio. I. Welch, Clifford Andrew. II. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. III. Título.

JULCIANE INÊS ANZILAGO

**MULHERES CAMPONESAS EM MOVIMENTO:
SUA ORGANIZAÇÃO E RESISTENCIA NO ASSENTAMENTO FERNANDO SILVA
EM PORANGATU / GOIÁS**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp – Campus de Presidente Prudente, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Clifford Andrew Welch

Prof. Dr. Bernardo Maçano Fernandes
Presidente

Prof. Dr Carlos Alberto Feliciano
UNESP/FCT

Profª Dra. Mirian Claudia Lourenço Simonetti
UNESP/FFC

Presidente Prudente, 20 de março de 2014

À classe trabalhadora em especial as Mulheres
Camponesas.

Aos que ousam a dedicar sua vida à revolução.

AGRADECIMENTOS

À Ada e Pedro, por me ensinar os passos da caminhada.

Ao Movimento de Mulheres Camponesas e a Via Campesina, por plantar a semente da indignação e da rebeldia, na causa das mulheres e da classe trabalhadora.

À meu orientador Cliff que não mediu esforços no acompanhamento das batalhas de construção do conhecimento, assim como os educadores e educadoras que acompanharam o desenvolver do trabalho.

Às mulheres e famílias que confiam na luta dos trabalhadores e trabalhadoras que disponibilizaram um pedaço de seu tempo em função da coleta de dados no trabalho de campo contribuindo na pesquisa e nas reflexões.

Aos companheiros e companheiras da turma, que partilhamos desse momento de construção do conhecimento, e que com audácia ousaremos nos chamar de mestres, porém, impulsionados pelo espírito militante construiremos novos dias.

OBRIGADA

LATINOAMERICA

Soy... Soy lo que dejaron
Soy toda la sobra de lo que se robaron
Un pueblo escondido en la cima
Mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima
Soy una fábrica de humo
Mano de obra campesina para tu consumo
Frente de frío en el medio del verano
El amor en los tiempos del cólera, mi hermano!
Soy el sol que nace y el día que muere
Con los mejores atardeceres
Soy el desarrollo en carne viva
Un discurso político sin saliva
Las caras más bonitas que he conocido
Soy la fotografía de un desaparecido
La sangre dentro de tus venas
Soy un pedazo de tierra que vale la pena
Una canasta con frijoles, soy
Maradona contra Inglaterra Anotándote dos goles
Soy lo que sostiene mi bandera
La espina dorsal del planeta, es mi cordillera
Soy lo que me enseñó mi padre
El que no quiere a su patria, no quiere a su madre
Soy américa latina, un pueblo sin piernas, pero que camina
Oye!

Tú no puedes comprar el viento
Tú no puedes comprar el sol
Tú no puedes comprar la lluvia
Tú no puedes comprar el calor
Tú no puedes comprar las nubes
Tú no puedes comprar los colores
Tú no puedes comprar mi alegría
Tú no puedes comprar mis dolores
Tú no puedes comprar el viento
Tú no puedes comprar el sol
Tú no puedes comprar la lluvia
Tú no puedes comprar el calor
Trabajo bruto, pero con orgullo
Aquí se comparte, lo mío es tuyo
Este pueblo no se ahoga con marullo
Y se derrumba yo lo reconstruyo
Tampoco pestañeo cuando te miro
Para que te recuerde de mi apellido
La operación Condor invadiendo mi nido
Perdono pero nunca olvido
Oye!
Vamos caminando
Aquí se respira lucha
Vamos caminando

Yo canto porque se escucha
Vamos dibujando el camino
(Vozes de um só coração)
Vamos caminando
Aquí estamos de pie
Que viva la américa!
No puedes comprar mi vida...

Compositor: Calle 13 (feat. Totó La Momposina, Susana Baca & María Rita)

RESUMO

O desenvolvimento do capitalismo agrário no Brasil, principalmente nas últimas décadas, vem provocando um conjunto de mudanças profundas no campo do Estado de Goiás. A implantação do agronegócio, com sua lógica de produtividade e lucro, desterritorializa o campesinato, transformando as relações sociais do campo, interferindo na formação social. A partir de políticas públicas favoráveis, o agronegócio concentra seu controle sob o solo, expulsa os camponeses, explora os trabalhadores em busca de monopolizar todas as formas de produção. Neste processo, as camponesas, que tipicamente sofrem já uma dupla jornada de trabalho, passam por condições ainda piores, muitas vezes sendo o único adulto para quem cai todos os deveres para sustentar a família. Nestas circunstâncias, sua resistência é crucial para preservar a produção e reprodução do campesinato. Com base nesses elementos o presente trabalho tem como seu objetivo principal contribuir para a compreensão do desenvolvimento contemporâneo do capitalismo no campo do Estado de Goiás e a luta das mulheres na construção de seu protagonismo com o olhar nas políticas públicas aplicadas em tal. Analisa casos específicos de camponesas nos assentamentos do município Porangatu, em especial o Assentamento Fernando Silva, que vem se organizando em unidades do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) onde através das lutas tem progredido na sua conscientização, sobre os desafios das relações de gênero dentro de seu lar, bem como nas organizações, na sociedade, no mercado e nas políticas públicas. Argumenta, por fim, com respingos de experiências e práticas, a luz das histórias das lutas das mulheres que antecederam, que há um papel fundamental das camponesas na construção do protagonismo dos trabalhadores na elaboração de um projeto de transformação social/estrutural de sociedade.

Palavras chave: Movimentos socioterritoriais; Mulheres; Reterritorialização; Agronegócio.

RESUMEN

El desarrollo del capitalismo agrario en Brasil, principalmente, en las últimas décadas, viene provocando un conjunto de cambios profundos en el campo del Estado de Goiás. La implantación del agronegocio, con su lógica de productividad y lucro, desterritorializa el campesinado, transformando las relaciones sociales del campo, interfiriendo en la formación social. A partir de políticas públicas favorables, el agronegocio concentra su control bajo el suelo, desterritorializa a los campesinos, explota a los trabajadores en busca de monopolizar todas las formas capitalistas de producción. En este proceso, las campesinas, que normalmente sufren ya una doble jornada de trabajo, pasan por condiciones aún peores, muchas veces siendo el único adulto para quien cae todos los deberes para sustentar la familia. En estas circunstancias, su resistencia es crucial para preservar la producción y reproducción del campesinado. Con base en estos elementos el presente trabajo tiene como objetivo principal contribuir para la comprensión del desarrollo contemporáneo del capitalismo en el campo del Estado de Goiás y la lucha de las mujeres en la construcción de su protagonismo con miras en las políticas públicas aplicadas. Analiza casos específicos de campesinas en los asentamientos del municipio Porangatu, en especial el Asentamiento Fernando Silva, que se viene organizando en unidades del Movimiento de las Mujeres Campesinas (MMC) donde a través de las luchas vienen progresando en su concientización, sobre los desafíos de las relaciones de género dentro de su casa, así como en las organizaciones, la sociedad, el mercado y las políticas públicas. Sostiene, por último, con toques de experiencias prácticas, a la luz de las historias de las luchas de las mujeres que acontecieron en la lucha, dando un papel fundamental a las campesinas en la construcción del protagonismo de los trabajadores en la elaboración de un proyecto de transformación social /estructural de la sociedad.

Palabras claves: Movimientos sócio-territoriales; Mujeres; Reterritorialización; Agronegocio.

ABSTRACT

The development of agrarian capitalism in Brazil, especially in recent decades, has caused a series of profound changes in the State of Goiás. Agribusiness, with its logic of productivity and profit, has de-territorialized peasants, disrupting established social relations and interfering in the social formation. Favored by public policies, agribusiness concentrates its control over the countryside, forcing small farmers to leave the land, exploiting workers, all with the intention to monopolize the factors of production. In this process, female peasants, who already suffer double duties, working in the fields as well at the home, have experienced worsening conditions, often becoming the only adult available to take responsibility for all the duties needed to support their families. Given these circumstances, their resistance is crucial to preserve peasant productivity and reproduction. The present study has as its main objective contributing to understanding the struggle of peasant women to build their leadership in securing beneficial public policies in the context of contemporary capitalist development in the countryside of Goiás. It analyzes the specific case of peasant settlements in the municipality Porangatu, especially the Fernando Silva Agrarian Reform Settlement, which has been the focus of organizing by the Peasant Women's Movement (Movimento de Mulheres Camponesas - MMC). Women there were interviewed and studied to understand the progress of their struggles through their growing awareness about the challenges of gender relations within their home, as well as in organizations, society and the market as they have sought to define, gain and see implemented favorable public policies. Based on the stories of these women and the examination of concrete examples, the study argues the importance of female leadership to the construction of working class projects of social and structural transformation.

Keywords: Socio-territorial movements; Women; Re-territorialization; Agribusiness.

RÉSUMÉ

Le développement du capitalisme agraire au Brésil, en particulier au cours des dernières décennies, a conduit à une série de changements profonds dans la campagne de l'État de Goiás. L'implantation de l'agrobusiness, avec sa logique de productivité et le profit, déterritorialise la paysannerie, transformant les rapports sociaux de la campagne et interférant dans la formation sociale de la paysannerie. De la politique publique favorable, l'agrobusiness concentre son contrôle sous le sol, déterritorialise les paysans, exploite les travailleurs avec la finalité de monopoliser toutes les formes capitalistes de production. Dans ce processus, les paysannes, qui généralement souffrent déjà d'une double journée de travail, passent par des conditions encore pires, étant souvent les seules adultes sur qui retombent toutes les tâches à l'appui de la famille. Dans ces circonstances, leur résistance est cruciale pour préserver la production et la reproduction de la paysannerie. Sur cette base, le présent travail a pour objectif principal de contribuer à la compréhension du développement contemporain du capitalisme dans la campagne de l'État de Goiás et la lutte des femmes dans la construction de leur leadership, faisant attention aux politiques publiques appliquées à ces luttes. Ce travail analyse aussi des cas spécifiques de paysannes dans les colonies de la commune de Porangatu, en particulier la colonie Fernando Silva qui est en train de s'organiser, dans quelques temps, en groupes du Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) – Mouvement des Femme Paysanes. Ces groupes, par les luttes, a fait des progrès dans leur prise de conscience sur les défis des relations du genre dans la famille, plusieurs organisations, société, marché et les politiques publiques. Enfin, ce travail argumente l'existence d'un importante rôle des paysannes dans la construction d'une nouvelle vision du travail. En effet, ces paysannes ont pour mission de rendre les autres travailleurs protagonistes de la préparation d'un projet de transformation sociale et structurelle de la société. Cet argumentation sera mené à partir des quelques expériences pratiques vues de l'histoire de luttes des femmes.

Mots-clés: Paysannerie. Lutte des Femmes. Protagonisme. L'agrobusiness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Corporações transnacionais do agronegócio no Brasil	28
Figura 2 - Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida / Agricultura Diversificada	37
Figura 3 - Localização do Município de Porangatu/Goiás, no Brasil e em Goiás respectivamente nas figuras.....	48
Figura 4 - Entrada do Assentamento Fernando Silva -Porangatu /GO.....	70
Figura 5 - Foto panorâmica da propriedade de Izaires e Rosalina no Assentamento Fernando Silva.....	70
Figura 6 - Bananal no Assentamento Fernando Silva	71
Figura 7 - Produção de Bananas ecológicas no Assentamento Fernando Silva	71
Figura 8 - Ocupação do posto do INSS em Porangatu- GO	72
Figura 9 - Encontro de Formação no Assentamento Fernando Silva	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Divisão do Trabalho na unidade de produção camponesa entre homens e mulheres.	55
Tabela 2 - Aplicação de políticas públicas no assentamento.....	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Município de Porangatu - Assentamento Fernando Silva/ Participação do casal nas atividades do Assentamento	51
Gráfico 2 - Participação das mulheres no assentamento	52
Gráfico 3 - Titulação da Terra	53
Gráfico 4 – Identificação de quem fica com o dinheiro da família	56
Gráfico 5 - Responsável pelas compras do lar.	57

LISTA DE SIGLAS

CPT	Comissão Pastoral da Terra
FETAEG	Federação dos Trabalhadores do Estado de Goiás
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
JICA	Programa de Cooperação Nipo-Brasileira
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMC	Movimento de Mulheres Camponesas
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PJ	Pastoral da Juventude
PNAE	Programa Nacional e Alimentação Escolar
PRODECER	Agencia Japonesa de Cooperação e Desenvolvimento Internacional
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
SUS	Sistema Único de Saúde
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	Referências metodológicas da investigação	17
1.1.1	A trajetória militante política	17
1.1.2	Procedimentos de investigação	19
1.2	Organização	21
2	EXPANSÃO CAPITALISTA NO CAMPO EM GOIÁS: SINAIS DE RESISTÊNCIA	23
2.1	Breve história da ocupação de Goiás	23
2.2	O campo brasileiro e a organização das mulheres	32
2.2.1	Fundação do MMC.....	33
2.2.2	Perspectivas de luta das camponesas.....	35
3	MULHERES CAMPONESAS SE ORGANIZAM EM LUTAS	40
3.1	A construção da resistência das camponesas em Goiás	43
3.2	As mulheres na construção do assentamento	47
3.3	Divisão do trabalho na unidade de produção camponesa	54
4	POLÍTICAS PÚBLICAS NO CAMPO: CONQUISTA OU RESISTÊNCIA? ..	59
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS	67
	APÊNDICE A – Acervo fotográfico	70
	APÊNDICE B – Questionário da pesquisa e respostas	73

1 INTRODUÇÃO

Houve esforço em buscar compreender a realidade vivida pelas mulheres camponesas em meio a aplicação das políticas agrárias neoliberais no campo de Goiás advém da prática militante da autora, de sua inserção e acompanhamento da organização das mulheres neste contexto. Essa prática provocou o interesse em compreender essa realidade e fez necessário aprofundamento teórico com reflexões pertinentes que são trabalhadas no decorrer do trabalho.

O objetivo central é de entender melhor o desenvolvimento do capitalismo no campo no Estado de Goiás e a luta das mulheres na construção de seu protagonismo neste processo, com um olhar crítico nas políticas públicas e as relações de poder.

O desenvolvimento da pesquisa envolveu: a) pesquisa de campo onde possibilitou perceber a realidade vivida pelas mulheres em seu território, b) revisão bibliográfica com levantamento de obras, artigos, capítulos de livros, documentos, dissertações e entre outros que estavam relacionadas com a temática. Entrevistas e elaboração de material audiovisual/gravado que possibilitou uma compreensão de detalhes que talvez o questionário não permitisse.

1.1 Referências metodológicas da investigação

Para a apresentação desta investigação julgo necessário apresentar alguns pressupostos que permearam a construção desse trabalho, a partir das inquietações e reflexões em relação a temática das mulheres. Acredita-se que a investigação militante é construída a partir da teoria e prática, construindo conceitos que permeiam as discussões e que constroem sujeitos sociais capazes de interferir na realidade, contribuindo na sua transformação. E nessa realidade das práxis que a pesquisadora está inserida, construindo assim o objeto da pesquisa.

As referências metodológicas estão divididas em duas partes: A Trajetória Militante e Política da Pesquisadora e os Procedimentos de Investigação.

1.1.1 A trajetória militante política

Minha trajetória na militância se inicia muito cedo a partir da Igreja Católica, assumindo tarefas como catequese, grupo de liturgia, e mais tarde compondo e integrando grupo de jovens da Pastoral da Juventude (PJ), participando da Comissão do Fórum contra a compra e venda de votos entre outras atividades ligadas a Igreja. Vale ressaltar que a igreja no

Município de Quilombo no Estado de Santa Catarina, onde eu atuava, tinha feito uma opção clara da luta dos camponeses e movimentos sociais, da justiça e pela vida dos povos.

Em 2002, parcialmente em consequência desta militância, fui convidada a realizar o curso de Graduação em Administração em convenio entre a Via Campesina e a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Campus de Ronda Alta. Com maior compreensão da luta camponesa minha militância se intensificava a partir da luta das mulheres, na comunidade e no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC).

Em 2007 me desloquei de Santa Catarina para o Estado de Goiás na proposta de conseguir rearticular, pois já se tinha feito algumas tentativas de organizar as mulheres (esse tema será tratado mais a diante) no MMC nesse Estado. Permaneço em Goiás até os dias atuais, contribuindo na construção do MMC, lutando para organizar e formar as mulheres, percebendo um potencial grande de transformação das mulheres camponesas e de suas famílias, assim como nos locais onde elas vivem.

Em 2010, iniciou-se a articulação entre a Via Campesina e a Cátedra da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial para criar um programa de pós-graduação. Quando abriu o processo seletivo, fiz a inscrição para o processo seletivo para o presente curso.

A trajetória na Pós-Graduação teve vários momentos específicos que caracterizaram a experiência única do curso. Dentre eles, a forma como foram construídos o programa da Universidade Estadual Paulista (UNESP), as disciplinas dos professores e outras atividades acadêmicas em colaboração com os movimentos e a turma.

Outra área bastante marcante tem sido a luta constante de conseguir recursos suficientes para financiar o curso e os alunos. Isso para dizer que passamos por situações bem complicadas do ponto de vista financeiro, principalmente, pois tivemos muito poucos recursos/bolsa que nos ajudasse a custear nossas despesas de estudo e nos mantivéssemos de forma mais integral aos estudos.

Muitos de nós, não tinha recursos, porém houve a solidariedade e compreensão dos colegas da turma e os movimentos do ponto de vista da importância do estudo que nos "ajudaram" a passar por essa situação, mas tive que buscar trabalho, como a maioria do grupo, para conseguir me sustentar e ter condições para me manter no estudo e pesquisa. Minha saída temporária, ocorreu após aceitar um emprego como docente em uma faculdade particular onde, ironicamente, consegui uma vaga como professora de administração de agronegócio.

Reconheço, no entanto, a importância de minha trajetória neste curso/pesquisa para a vida também do Movimento de Mulheres Camponesas, pois a intenção é ajudar e entender a

relação entre a militância, as políticas públicas, a autonomia das mulheres e as estruturas de poder de um dado espaço. Para mim como estudante a tarefa é de compreender a partir do estudo e do trabalho militante essas inter-relações. Ser militante, camponês/camponesa e ousar estudar formalmente na universidade é de toda forma um desafio para todos nós da classe trabalhadora.

1.1.2 Procedimentos de investigação

O trabalho de campo iniciou com experimentação de aplicação de questionários realizados em uma reunião de mulheres em 2012, onde elas relatavam alguns elementos da trajetória de construção do Assentamento Fernando Silva desde de seu início. Isso foi só uma tentativa teste em relação a aplicação da pesquisa de campo.

A partir da experimentação e dos resultados provisórios obtidos, houve a construção de questionário definitivo com a contribuição do orientador Dr. Clifford Andrew Welch. Em seguida foi aplicado o questionário, visita do orientador ao Assentamento (conhecer o objeto de pesquisa) e prosseguimento com as orientações.

A visita de campo iniciou com a chegada do Professor no dia 06 de março de 2013 pela noite, juntamente com Aelton Brito Silva, que também é seu orientado. No dia 07 de março de 2013 partimos de Uruaçu - Goiás para Porangatu - Goiás com uma trajetória de cerca de 100 Km onde se encontrava o assentamento que seria realizado a pesquisa de campo.

Houve articulação para que algumas mulheres se reunissem para conversar, e entre elas estavam Maria Aparecida Ferreira de Oliveira, Rosalina Pereira Frades, Marina e Alice Ferreira de Oliveira, onde os temas conversados foram relacionados com o histórico do assentamento, a luta das mulheres, as relações humanas estabelecidas entre a família destas mulheres com a comunidade, os sonhos e as perspectivas em relação ao futuro do assentamento e das mulheres.

Todos foram para área da roça com intenção de conhecer a produção camponesa de alimentos, identificando grande agrobiodiversidade, entre eles banana, maracujá, abóbora, quiabo, pimenta, arroz (pronto para colher), milho, mandioca, melancia, buriti, feijão, cana-de-açúcar, mamão, limão, galinha caipira, gado de corte e leite. A parcela¹ se chama Sítio Três Irmãos por serem três filhos do casal. Dando sequência a visita houve a oportunidade de conhecer a unidade de produção de Rosalina, chamada “Dois Corações”, com intuito de

¹ Parcela é a denominação dada aos lotes que cada família recebeu no assentamento.

conhecer a produção. Também foi identificado grande diversidade de alimentos entre eles pimenta, goiaba, milho, feijão, arroz, quiabo, cana-de-açúcar, mamão, mandioca, manga, buriti, abóbora, industrialização de polpa de buriti, galinha caipira, gado de corte, pequi, gueroba e entre outros, também com a existência de muitas flores ao redor da casa.

Na sequência o grupo se deslocou para a casa de Geilza que está localizada no município de Mutunópolis - GO, sendo esta trabalhadora empregada em uma fazenda da região, onde recebe salário. Foi identificado que a família já foi assentada e desistiu do lote, por pressão do marido. Ela relata que se fosse por ela continuava na parcela, porém ele não quer e ainda insiste em morar na cidade. Menciona que tem um grupo de mulheres que se reúne para discutir as coisas do MMC.

Por fim, na tarde voltamos a Uruaçu onde realizamos uma Mesa Redonda na Faculdade Serra da Mesa, com os alunos do curso de Administração do 5º período e o do curso de Tecnologia de Alimentos do 1º período na disciplina de Gestão do Agronegócio, trabalhando o tema “O cenário da Agricultura no Brasil e na América Latina,” tendo como palestrantes Professor Dr. Clifford (que ofereceu enfoque sobre o papel do Agronegócio na América Latina), Aelton Brito Silva (falando sobre A realidade da Agricultura Camponesa) e Julciane Inês Anzilago (trazendo os elementos sobre As Manifestações do Agronegócio na Vida das Mulheres), o debate foi muito interessante, os alunos participaram bastante com intervenções, perguntas e outras contribuições.

No dia seguinte nos reunimos para tratar das orientações propriamente dita, trabalhamos no texto que já tinha elaborado e enviado ao professor absorvendo as contribuições e posteriormente a reformulação na reorganização do sumário redefinindo os elementos que comporiam cada capítulo do relatório e por último a reestruturação da pesquisa em forma de questionário. O Assentamento Fernando Silva tem 94 famílias, o questionário foi aplicado com 10 mulheres, como critério de entrevistadas foi contemplado mulheres que participam e que não participam do Movimento de Mulheres Camponesas. Também foram feitos pequenos documentários gravados com as mulheres para colher informações mais detalhadas juntamente com as entrevistas estruturadas.

No dia seguinte a acadêmica foi executar a coleta de dados propriamente dita. Alguns elementos importantes a serem considerados, no momento de realização das entrevistas com as mulheres: as respostas são diferenciadas quando há a presença dos homens na casa; eles querem responder por elas e as mulheres ficam acanhadas; muitas das perguntas as mulheres tem muita facilidade de responder sendo as que possuem relação a elementos mais práticos e concretos como por exemplo a produção e a renda, por mais que se acredite que quem domine melhor são

os maridos. Em se tratando de questões subjetivas as mulheres tem bastante dificuldade de responder, como por exemplo as coisas que permeiam a vida particular delas, os sonhos e os desafios, parecendo que alguém tem que pensar por elas. Quando são aspectos mais gerais elas respondem, quando são particulares elas têm dificuldade e se alguém estiver por perto elas até se omitem da resposta.

Outro elemento importante é que as mulheres sentem a necessidade de falar tudo o que elas têm vontade na hora da entrevista, falar das coisas importantes que aconteceram na vida delas, da vida do assentamento, do processo de conquista da terra, pois ajuda a conhecer a realidade vivida por elas. No entanto, entre as pesquisas e a aplicação da pesquisa, foi necessário visitar o assentamento várias vezes e repetir algumas conversas com algumas mulheres inclusive incluir algumas gravações para ter mais informações pertinentes na investigação, isso ocorreu por conta da necessidade de se alcançar mais detalhes.

A pesquisa foi fruto das inquietações da pesquisadora enquanto militante da luta das mulheres e foi desenvolvida em três momentos que ocorrem de forma simultânea, mesmo que em momentos distintos. Uma inquietação pelo problema, um momento de investigação teórica, que se processou em sala de aula, nas orientações e nos estudos individuais e coletivos, um momento (alguns, na verdade) de contato com as camponesas, onde ouvi e aprendi sobre sua realidade e o momento de ligar as análises teóricas, à realidade empírica contatada, surgindo então o desafio de articular todos os momentos anteriores em um trabalho final, mas que possibilitasse novas inquietações.

1.2 Organização

A dissertação está dividida em 3 capítulos acompanhados, por uma introdução, considerações finais e anexos da investigação realizado nesse estudo. O primeiro capítulo, intitulado “Expansão capitalista no campo em Goiás: sinais de resistência”, discute a consolidação do capitalismo agrário no território de Goiás, bem como sinaliza as diferentes formas de resistência contra a territorialização hegemônica deste modelo no campo. Aborda o processo de territorialização do Estado de Goiás do ponto de visto geo-histórico, considerando elementos de disputa de poder a partir dos anos 1930 até os dias atuais.

O segundo capítulo, “Mulheres Camponesas se Organizando em Lutas”, faz um balanço das lutas das mulheres do campo e a organização do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) no Brasil, seguindo para uma análise pontual para facilitar um olhar mais aprofundado ao processo de organização das mulheres em Goiás. A escala desta parte é um

assentamento, especificamente no Assentamento Fernando Silva no município de Porangatu, na região norte do Estado de Goiás, pois é uma região onde se encontra uma quantidade expressiva de camponesas e agricultura familiar fazendo agricultura de forma mais "natural", em comparação com outras regiões do Estado de Goiás, onde as forças produtivas do agronegócio tem se intensificado de forma mais sistemática. Também escolheu esse local, onde na atualidade desde Estado se identifica a percepção da necessidade das mulheres camponesas em se organizar na busca de melhorias das condições de vida no campo. Neste capítulo já começa o uso com maior intensidade dos dados coletados na pesquisa de campo. A intenção é compreender a temática das mulheres e o avançando para as questões de poder.

O terceiro capítulo, “Políticas Públicas no Campo: Conquista ou Resistência”, fazendo referência a compreensão das políticas públicas e o protagonismo das mulheres e projeto de agricultura camponesa na ótica das mulheres. Nas Considerações Finais oferece de maneira sintética apontamentos e reflexões realizadas e percebidas ao longo do trabalho, assinalando algumas inquietações que merecem aprofundamentos teóricos que seriam bases para futuras investigações.

2 EXPANSÃO CAPITALISTA NO CAMPO EM GOIÁS: SINAIS DE RESISTÊNCIA

*Mãe terra
abençoa essas mãos calejadas daqueles
que te semeiam
fazendo brotar de teu ventre o alimento do
homem e da mulher: de todos os credos
de todos os níveis de todas as raças. Esses
guerreiros/guerreiras sem nome na sua
simplicidade vencem o demônio da fome e
salvam a humanidade (Zeca do Tocantins /
Mão de calo)*

2.1 Breve história da ocupação de Goiás

Para melhor compreensão da expansão capitalista no campo é necessário nos reportar ao período em que o Brasil foi invadido pela Europa, em busca de saquear nossas riquezas. A distribuição das terras no Brasil foi realizada a partir da distribuição das terras entre os “amigos” da monarquia portuguesa, e nossa história agrária começa com distribuição de terras em grandes quantidades para poucos. Esse processo conhecemos na história como: as Capitânicas Hereditárias, que não sendo um processo bem-sucedido, veio em seguida as Sesmarias, que distribuiu terras na mesma lógica.

Passados anos de exploração de nossas terras e povos (os que aqui já estavam e os que para cá foram trazidos), após os explorados conseguirem se organizar melhor e lutar por melhores condições de vida, mas a classe dominante se antecipa as possíveis conquistas da classe trabalhadora e cria um novo mecanismo para garantir que a propriedade da terra permaneça na mão dos que já as possuía, cria-se a Lei de Terras (1850), excluindo do acesso à terra a grande maioria da população rural dessa época, os camponeses pobres (que na sua maioria era trabalhadores das fazendas), indígenas e negros.

Essa realidade traz elementos para entendermos a concentração da terra no Brasil, mas é a legitimação do Estado a esse modo de explorar a terra que explica nos mantermos em condição análoga até os dias atuais.

Nesse processo ocorreu os ciclos econômicos no Brasil, de acordo com a potencialidade de cada província, através da mineração, agropecuária e entre outras. No período do século XVII o Estado de Goiás não tinha muita expressão no cenário econômico brasileiro, quase toda a produção camponesa era para a demanda dos trabalhadores da mineração. Em seguida com a decadência do ciclo do ouro, a produção camponesa se destina ao consumo interno das famílias camponesas e venda do excedente e a compra de gêneros não produzidos nas unidades de produção camponesa. O comércio era bastante inexpressivo para a economia

goiana, pois as cidades tinham pouca população, destacava-se com certa importância a agricultura e a pecuária. Os comerciantes eram quem faziam o elo entre o campo e a cidade, bem como com outros setores até de fora do Estado considerados com grande importância política no Estado. A pecuária dominando a economia e a agricultura passa a ser considerada um adendo do setor econômico, com menos importância.

Por volta de 1930 com a construção da estrada de ferro, forma-se aos arredores desta, grandes fazendas, pois a estrada facilitava o escoamento da produção dos cereais. De imediato houve a separação da agricultura e da pecuária. Os cereais começam a se destacar, principalmente o arroz. De imediato começa a ter uma divergência entre esses dois setores, de um lado a pecuária por excelência -boi- com destaque importante e por outro o avanço da produção de cereais.

Em se tratando da disputa pela terra, a política de Vargas para o Centro Oeste, considerada como um programa de colonização para a região centro brasileira desembocou na década de 50 e 60 no Estado de Goiás com lutas agrárias no campo que teve como ator principal posseiros e arrendatários, chamada Marcha para o Oeste entre a elite local e posseiros, fruto da política de ocupação do centro oeste brasileiro. Esse conflito teve duas movimentações conjuntas que desembocaram no conflito: 1) a propaganda governamental da grande quantidade de terras devolutas intensificou a ocupação de posseiros e a chamada Colônia Nacional de Ceres (trazer trabalhadores para ocupar essas terras de outros lugares do Brasil); 2) A implantação das rodovias no Estado valorizou as terras na região de Goiás, sendo que nesse local havia uma grande quantidade de terras devolutas fruto da presença da própria Colônia Agrícola. O conflito foi então entre a elite local e os posseiros pela posse da terra.

Este cenário ocorre nos povoados de Trombas e Formoso² que segundo Souza,

Trombas e Formoso foi a maior revolta camponesa da história de Goiás [...]Os anos que mais chamam a atenção na vida dessa população do que era o médio norte do estado estão situados entre 1950 à 1964 [...] os conflitos agrários que na metade do século XX causaram tanta repercussão se estenderam por uma região maior que correspondente a esses atuais municípios.[...] Os acontecimentos de Trombas e Formoso foram marcados por um processo de modernização capitalista caracterizado pela conflitividade, ou seja, camponeses antagonizando-se a aqueles que queria,

² “Na historiografia sobre Trombas e Formoso esse primeiro período é caracterizado como uma luta dentro dos limites da legalidade jurídica e pelos títulos de propriedade da terra. O que reforça o caráter economicista e pré-político das manifestações camponesas. Sugerindo que a chegada do Partido Comunista Brasileiro na região é que teria levado à organização da revolta armada. Essa perspectiva era um consenso na historiografia sobre a revolta no médio norte goiano. Porém, a tese de doutorado em história pela Universidade Federal de Goiás, Os Donos da Terra: A Disputa pela Propriedade e pelo Destino da Fronteira- A Luta dos Posseiros em Trombas e Formoso 1950/1960, de autoria de Cláudio Lopes Maia (2008) questiona a validade desse período ser considerado uma corrida por títulos de propriedade e caracteriza o sentido da posse da terra na vida do camponês como uma luta política e não limitada ao economicismo que lhe é atribuído” (SOUZA, 2009, p.3).

consolidar um mercado capitalista de terras. Então, mesmo as formas tradicionais de produção do campesinato e a referência a aferição de uma determinada renda da terra assumem características que escapam a esfera estrita da produção e assume os imperativos políticos de uma resistência contra a expansão capitalista (SOUZA, 2009, p.2-4).

Nesse processo de construção das características do campo goiano, os aspectos de conflito seguem, avançando para os anos de 1960 e 1970, com implementação da Revolução Verde. O Estado de Goiás como todo o Brasil, passa pela mudança no processo de produção com os elementos da modernidade e da alta produtividade no campo, garantido pelo estado brasileiro com políticas e empresas multinacionais. O centro oeste é exemplo disso, segundo Fernandes:

Na Região Centro---Oeste, os latifundiários do estado do Mato Grosso expandiram suas explorações na segunda metade do século XX. Desde 1950, com o planejamento para a mudança da capital nacional do Rio de Janeiro para Brasília, a região se tornou atrativa para os camponeses, bem como para os trabalhadores urbanos. Em 1960, estudos financiados pelos Estados Unidos, em colaboração com o Ministério da Agricultura, descreveram que uma grande parte desta região era “praticamente desabitada e com potencial agrícola pouco explorado” (Crawford,1963). Neste planejamento previa-se a relocação de cerca de 250.000 famílias de agricultores---cerca de 1,5 milhões de pessoas --- para o estado. Na realidade, dezenas de milhares de camponeses se estabeleceram na região em um fluxo migratório de agricultores pobres que procuravam escapar das condições difíceis da porção leste do país com a esperança de encontrar oportunidades além da fronteira agrícola. Este processo migratório constituía uma forma de colonizar para não fazer a reforma agrária (FERNANDES; WELCH, 2012, p.17).

Ao se tratar do assunto da ocupação Fernandes, Welch e Gonçalves, nos ajudam a compreender:

A singularidade da região Centro – Oeste é a intensa expansão do agronegócio e a pequena representação do campesinato. Resultado de um processo de colonização que foi fortalecido com as políticas do governo militar durante a ditadura dos anos 1960/1980, as empresas capitalistas foram beneficiadas com políticas de subsídios que possibilitaram sua rápida territorialização na região. Embora representem 69% dos estabelecimentos, os camponeses possuem tão somente 10% das terras. Nesta região, a soja se expandiu rapidamente desde a década de 1980, tornando---se a principal região produtora. O agronegócio produz a 98% da soja, onde é mais forte, mas também domina a produção de arroz e feijão, sendo que o campesinato produz 23% do arroz e 22% do feijão. Os pequenos agricultores são mais representativos na produção da mandioca do café, 55% e 62% respectivamente. A região Centro – Oeste é marcada pelo agronegócio que fundou cidades onde a cultura mercantil é predominante. Sua contribuição na geração do Valor Bruto da Produção nacional é de 14%. Nesta região, os camponeses perdem cada vez mais seu poder de participação. Os assentamentos de reforma agrária, por exemplo, são representativos no que se refere ao número de estabelecimentos, mas sua contribuição é muito baixa, somente 2,9% do produto regional. Este é um exemplo forte que a expansão do modelo do agronegócio expropria o campesinato da terra e da participação da produção. A denominada modernização da agricultura em vigência tem como princípios a eliminação pela competitividade, de modo que um setor estratégico do

desenvolvimento como o campesinato pode ser eliminado por políticas que valorizam o monocultivo de commodities para exportação e controla regiões importantes do Brasil (FERNANDES; WELCH; GONÇALVES, 2012, p.17).

Em se tratando do território um aspecto relevante a ser analisado no contexto da ocupação territorial do campesinato em relação ao agronegócio, com o avanço do capitalismo agrário, principalmente a partir da década de 1970, o sistema latifundiário acabou sendo impulsionado e fortalecido pelo processo de “modernização” no campo.

Como resultado deste aspecto concentrador exercido pelo agronegócio, a agricultura camponesa acabou encurralada em territórios ecologicamente mais frágeis, com solos de baixa fertilidade e topos de morros (SHIKI, 2005). Dessa maneira se define com certa facilidade onde são os espaços ocupados por cada um dos atores na agricultura, porém os camponeses em desvantagem, associado à sua pouca força perante o monstro do agronegócio que se alia com o Estado.

Observa-se nesse sentido que o capital se manifesta na aliança do latifúndio do agronegócio e das empresas nacionais e transnacionais na espoliação dos camponeses e camponesas que procuram resistirem e permanecerem no campo. Porém, as disputas são visíveis nos territórios em seus mais variados sentidos. Fernandes nos ajuda a compreender essas disputas, dizendo:

...as disputas territoriais não se limitam a dimensão econômica. Pelo fato do território ser uma totalidade, multidimensional, as disputas territoriais se desdobram em todas as dimensões, portanto as disputas ocorre também no âmbito político, teórico e ideológico... o sentido da disputa está na essência do conceito de território, que contem como princípios: soberania, totalidade, multidimensionalidade, pluriescalaridade, intencionalidade e conflitualidade (FERNANDES, 2009, p.201).

Campos nos ajuda a compreender esse fenômeno do ponto de vista temporal no campo brasileiro:

É verdade que em algumas regiões brasileiras ocorreu um intenso processo de modernização das atividades agropecuárias nas décadas de 1970 e 1980, que resultou na elevação da composição orgânica do capital, numa maior integração com os mercados mundiais orientada pela busca continua da maximização do lucro. Entretanto, é a partir da década de 1990 que o agronegócio se torna uma realidade no conjunto do país, transformando a paisagem impondo um novo tempo de uma dinâmica socioespacial tanto no meio urbano, quanto nas áreas rurais dos municípios em que se territorializa. Por isso, no caso do Brasil não há como dissociar o agronegócio das políticas neoliberais que criam as condições econômicas e geopolíticas para sua expansão em múltiplas escalas geográficas, desde o local até o global (CAMPOS, 2011, p. 22).

Neste sentido, com a intencionalidade de ocupação, o Estado aliado com o setor agrícola cria programas de desenvolvimento agrícola baseado na modernização e exportação. Com o Programa de Cooperação Nipo-Brasileira (PRODECER), o Estado, articulado com incentivos internacionais como Agência Japonesa de Cooperação e Desenvolvimento Internacional (JICA), absorve o cerrado como um cenário apropriado para implantação desse novo modelo de agricultura. Com a expansão da fronteira agrícola, passa a produzir drasticamente produtos para exportação, ou seja, passa da produção de arroz, feijão e mandioca para a produção de culturas como soja, algodão e milho. Geograficamente, o capital se apropria do cerrado pelos elementos que elevam a produtividade como condições naturais (terra, água, topografia, solos...), condições econômicas, baixo preço das terras e pouca densidade de ocupação, cenário apropriado para reordenar o território.

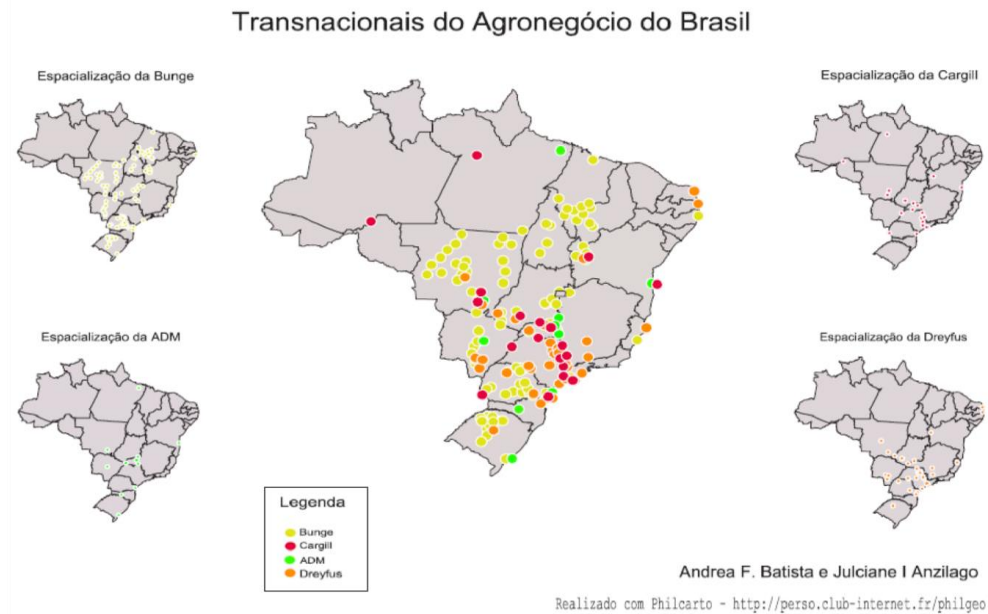
A conjuntura que movia o campo brasileiro no período dos anos 80, era os Planos Nacionais de Desenvolvimento, com expansão da agricultura, no desenvolvimento das forças produtivas destinadas para a exportação juntamente com a modernização agrícola baseado na mecanização, elevação da produtividade, infra estrutura básica, transportes, novas tecnologias, máquinas, financiamento para a aquisição de insumos agrícolas produzidas pelos grandes complexos industriais, incentivadas pelo Estado brasileiro. Segundo Bacelar:

Nessa fase, o grande objetivo do Estado brasileiro era consolidar o processo de industrialização. Desde o começo do século, optou-se pela industrialização. A grande tarefa era consolidar esse processo e fazer do Brasil uma grande potência. Assim, o grande objetivo era de ordem econômica: construir uma potência intermediária no cenário mundial. O Estado desempenhava a função de promover a acumulação privada na esfera produtiva. O essencial das políticas públicas estava voltado para promover o crescimento econômico, acelerando o processo de industrialização, o que era pretendido pelo Estado brasileiro, sem a transformação das relações de propriedade na sociedade brasileira (BACELAR, 2003, p.01-02).

Porém nesse mesmo período com essa mudança das forças produtivas e na tentativa de territorializar o campo brasileiro a partir do capitalismo baseado na produção para a exportação, a Figura 1 nos mostra onde as grandes transnacionais do agronegócio se instalam no Brasil. A figura-síntese abaixo pretende evidenciar esta rota e ao mesmo tempo demonstrar elementos da hegemonia do agronegócio no campo brasileiro. Considera-se que identificando as instalações ativas destas empresas possibilita, ainda que numa visualização parcial, por não compreender a identificação de propriedades de terras e dos arrendamentos para a produção de matéria prima, uma reflexão das tendências e consequências deste modelo para os trabalhadores do campo, sejam estes assalariados, camponeses, indígenas, quilombolas ou faxinalenses.

Estes acabam subsumidos à ordem hegemônica do capital no campo em sua forma de agronegócio.

Figura 1 - Corporações transnacionais do agronegócio no Brasil



Fonte: Organização: BATISTA. ANZILAGO, 2012.

Por outro lado, fazendo o contraponto há vários grupos sociais empobrecidos que se movimentam em busca de direitos sociais e melhores condições de vida, os movimentos sociais do campo como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Comissão Pastoral da Terra (CPT) entraram em cena como também as organizações de mulheres. As organizações específicas de mulheres foram construídas, nos Estados, motivadas pelo reconhecimento de trabalhadoras rurais, através de manifestação de lutas como a libertação das mulheres, sindicalização, direitos previdenciários e participação política na sociedade.

As organizações de mulheres vão se construindo a partir das necessidades sentidas pelas próprias mulheres, no centro oeste um pouco mais tarde, mas com uma pauta semelhante aos direitos sociais, reconhecimento da profissão, políticas públicas, entre outras.

Segundo Fernandes, Welch e Gonçalves:

Na região Centro-Oeste, bem como nas outras duas regiões, camponeses têm encontrado dificuldades para resistir à pressão para plantar cana-de-açúcar nos últimos anos devido à crescente demanda por agrocombustíveis (Fernandes et al, 2010). Também é importante considerar que os assentados dos projetos de assentamentos de reforma agrária só recebem o título de proprietário com a consolidação e emancipação do assentamento. Enquanto isso não acontece, eles são permissionários, o que significa que eles recebem permissão provisória de uso da

terra. Na condição de permissionário, o assentando não pode vender a terra. A imprensa costuma publicar artigos acusando permissionários de vender seus lotes, mas isto é juridicamente impossível. O que acontece é que alguns assentados podem encontrar um comprador para as melhorias, como uma casa, lavoura, animais, cerca, barracão etc., mas a própria terra não está à venda (FERNANDES; WELCH; GONÇALVES, 2012, p.30).

Assim também nos territórios camponeses há as contradições, vale ressaltar e reafirmar que o território camponês é um espaço de disputas de poder e inclusive exploração do trabalho humano como é o caso do trabalho feminino. Sendo assim as mulheres ocupam um lugar subalternizado dentro das relações de poder dentro das famílias camponesas, em se tratando das relações de trabalho, da participação nas decisões, na repartição do dinheiro. Inclusive as mulheres desempenham um papel importante na educação das crianças e no cuidado com os idosos e que não é reconhecido no senso comum da sociedade.

Esse processo de dominação de classe e exploração de gênero se manifesta e se agrava no sistema capitalista, patriarcal e machista e constituída por uma educação sexista, cultura machista e legitimada pelo Estado, Igreja e pela construção social dos seres humanos constituídos nesse modelo de sociedade.

Exemplo disso são elementos revelados na investigação à campo fazendo algumas inter-relações com as questões realizadas que nos permite perceber respingos desse modelo de sociedade. No geral, nas famílias camponesas quem fica maior tempo com as crianças são as mulheres, segundo Solange Pereira de Carvalho "quem trabalhou na educação, tudo dos filhos é eu, as tarefas é minha".

Maria de Lurdes Pereira Frades "a mulher faz serviço até dos homens: roça, capina, planta, não consigo dormir de dia, acostumei tanto a trabalhar que não durmo de dia. O homem não trabalha no domingo no feriado".

Maria Aparecida Ferreira de Oliveira diz: "os trabalhos das mulheres em casa é lavar, passar, cozinhar, cuidar das galinha dos animais, a gente não quieta (eu faço os serviços meus e do meu marido" e os trabalhos dos homens em casa "é cuidar do gado das roças, trabalha fora de diarista".

Partindo do pressuposto de que o território é um espaço de disputas, o território camponês caracteriza-se por essa disputa, seja ela pelo sistema de produção capitalista ou pelo modo de produção camponesa entre outras intrínsecas dentro do mesmo.

Segundo Souza in Saquet e Spósito,

O território(...) é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder. A questão primordial, aqui, não é, na realidade, quais são as

características geoecológicas e os recursos naturais de uma certa área, o que se produz ou quem produz em um dado espaço, ou ainda quais as ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço. (SOUZA in SAQUET; SPÓSITO, 2009, p.59).

Ainda Santos in Fernandes diz,

O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência (SANTOS in FERNANDES, 2008, p.02).

As disputas se manifestam na tentativa de domínio de um ou de outro, nos aspectos que diz respeito ao jeito de desenvolver esses territórios entendendo o desenvolvimento de dois pontos de vistas, o dos camponeses como tentativa de permanecer no campo e dele fazer um espaço de sobrevivência e reprodução da vida e o desenvolvimento do capitalismo que tem um olhar sobre o campo de geração de lucro e apropriação dos territórios.

Nesse sentido os camponeses buscam historicamente em manter-se nesse espaço como um espaço de reprodução da vida e construção de vida baseada nos valores do cuidado com a natureza e com os seres humanos. De acordo com Marques (2008), as principais características do campesinato são: ocupação do território pela necessidade de realização da vida plena, onde seu universo simbólico tende a ser respeitado e recriado. O território camponês é também onde se reproduzem formas específicas de produção que em geral é praticada em pequenas áreas, para manutenção familiar e abastecimento do mercado local; produção diversificada baseada em policultivos, com autonomia da força de trabalho e uso e controle de tecnologias de baixo impacto.

Segundo Fernandes; Welch e Gonçalves:

Estas duas visões sobre o desenvolvimento se expressam paradigmas que procuram explicar as desigualdades defendendo uma via de acordo com seus interesses e necessidades. Para o agronegócio, a eliminação de agricultores é natural num modelo competitivo em que sobrevivem os melhores. Nesta lógica, para o paradigma do capitalismo agrário, o problema das desigualdades é resultado do fracasso das pessoas que não conseguem se manter no mercado. Para os movimentos camponeses vinculados à Via Campesina, aumentar o número de agricultores e sua participação na distribuição de terras e na economia agropecuária é fundamental para corrigir os problemas agrários gerados pela lógica perversa da produção capitalista. Neste sentido para o paradigma da questão agrária, o problema das desigualdades é gerado nas relações de subalternidade imposta pelo capital que elimina parte importante dos agricultores. (FERNANDES; WELCH; GONÇALVES, 2012, p.02).

Compreendendo isso, faz sentido reafirmar que há esses dois projetos para a agricultura mundial e brasileira baseado nos dois paradigmas, o capitalismo agrário baseado no

desenvolvimento das forças produtivas com base no latifúndio e no agronegócio, modernidade e exportação garantida pelo Estado.

A questão agrária é uma área do conhecimento que estuda como a sociedade ao longo dos tempos organiza o uso e a posse da propriedade da terra. A terra não é um produto humano, a posse é uma condição social, a propriedade é uma combinação jurídica que surge há algum tempo, ter posse/propriedade não significa que faz uso da terra. A propriedade/posse da terra só surgiu no capitalismo para justificar o poder sobre a terra. Para os camponeses a posse da terra é uma das características primordiais do ser camponês.

Essa manifestação da ocupação do território goiano se expressa na super exploração da terra e da natureza, onde o agronegócio substitui seus produtos de acordo com a necessidade do capital, porém permanece o mesmo modelo de exploração do uso da terra e da força de trabalho. O cenário descrito no estado de Goiás na atualidade é de grande produtor de commodities como soja, sucro-alcooleira, minério e milho, que são impulsionados pelo modelo do agronegócio no campo. A título de dados, como já foi citado em outro momento segundo Loureiro (1982);

Na agricultura, a mudança importante foi o incremento e a predominância que passa a ter a cultura do arroz, primeiro produto comercializado na região [...], no quinquênio 1982-1987 a produção média de Goiás foi de mais de 1 milhão de sacas de 60 kg, enquanto a produção brasileira era de 17 milhões de saca. Neste período a produção de Goiás representava aproximadamente 6% da produção brasileira (LOUREIRO, 1982, p.34).

Com o crescimento desse setor agrícola desenvolvido, existe um fator importante que é o aporte de infraestrutura, (obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), como a Ferrovia Norte/Sul e o Alcooduto garantido pelo Estado brasileiro), necessário para o desenvolvimento e consolidação desse modelo cada vez mais pertinente.

Como se expressa atualmente pelos recursos destinados a agricultura, porém divididos nos dois paradigmas, por exemplo Plano safra 2012/2013, 115 milhões e o paradigma da Questão Agrária que envolve os camponeses em geral, que é a parte da agricultura que produz grande parte dos alimentos e que ocupa mais força de trabalho no campo e que é condicionado a receber a menor parte dos recursos destinados a agricultura no Brasil, sendo 23 milhões na safra 2012/2013.

Dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário de 2009, mostra que a agricultura camponesa e familiar produz cerca de 70% dos alimentos que vão para a mesa dos brasileiros em 24,3% da terra, por outro a agricultura não camponesa/familiar tem quase 70% das terras

agricultáveis, desenhando assim um modelo concentrador de terras e capital. A região centro-oeste tem a proporção de 12% de área dos estabelecimentos camponeses do Brasil (MDA, 2009). Isso mostra o desenho da gravidade da concentração do centro-oeste e do Estado de Goiás.

2.2 O campo brasileiro e a organização das mulheres

A conjuntura que movia o campo brasileiro no período de 1980, eram os Planos Nacionais de Desenvolvimento, com a expansão da agricultura, desenvolvimento das forças produtivas destinadas para à exportação, a modernização agrícola baseada na mecanização, elevação da produtividade, infraestrutura básica, transportes, novas tecnologias, máquinas e financiamento para a aquisição de insumos agrícolas produzidas pelos grandes complexos industriais, incentivadas pelo Estado brasileiro.

Esse momento instigou no Brasil, as organizações do/as camponeses e camponesas que se organizaram em movimentos sócio territoriais. Articulou-se várias organizações de trabalhadores e trabalhadoras entre eles, grupos de mulheres em alguns Estados com a influência da Comissão Pastoral da Terra, que é uma comissão organizada pela igreja com a função de contribuir na formação e na luta pela terra. A igreja com a opção pelos pobres em defesa dos humildes tinha essa tarefa de organizar os trabalhadores e trabalhadoras.

Há organização de vários movimentos sociais no campo, aparecendo no cenário, organizações de mulheres no Brasil que se identificam por buscar melhores condições de vida no campo, motivadas por reivindicações que reafirmam esses anseios buscando seus direitos. O reconhecimento de trabalhadoras rurais desencadeou lutas como a libertação das mulheres, a sindicalização, direitos previdenciários, participação política na sociedade o que ajudou a motivar as mulheres a se organizar.

A organização de mulheres vai se constituindo com a intencionalidade de discutir o endividamento dos homens/maridos nos bancos em função da produção, fruto do descaso do modelo desenvolvimentista no campo, ou seja, a implementação do Pacote Tecnológico da Revolução Verde com agroquímicos, sementes selecionadas/híbridas, adubos químicos e outros, segundo Conte apud Paludo (2009, p.89):

Como consequência do modelo imposto, a agricultura dita de pequena escala, ou agricultura familiar, estava passando por uma grande crise: muitas famílias estavam endividadas por causa dos altos juros dos financiamentos agrícolas e outras tantas já sem-terra, porque nunca tiveram posse alguma, porque o pouco que tinha lhes foi

tomado por causa das dívidas nos bancos. Neste período houve a expansão da mecanização e uma grande concentração de terras, além do êxodo rural.

Além disso, as mulheres percebem que tinham outros elementos a serem discutidos que extrapolava esse elemento pontual da conjuntura, como a opressão das mulheres, a discriminação, o não reconhecimento da profissão, a falta de políticas públicas (documentação, previdência social) sendo necessário uma organização de mulheres específicas. As mulheres camponesas organizadas em grupos iniciaram a luta pela Previdência Social e Solidária onde foram a Brasília reivindicar houvesse o reconhecimento de camponeses e camponesas há Seguradas e Segurados Especiais da Previdência onde se exigia a diminuição da idade de aposentadoria de 65 para 60 anos para os homens e de 60 para 55 anos para as mulheres, quatro meses de salário maternidade para as mulheres camponesas, auxílio reclusão e entre outros. Vale ressaltar que em alguns períodos da história as mulheres não tinham direito de se aposentar ou recebiam metade do valor que os homens. A luta foi intensa e longa, muitas idas e vindas a Brasília com comissões, acompanhamento nos ministérios desde os anos 80 e até hoje as mulheres se mobilizam para manter essas conquistas, fruto de luta.

Nesse período também, as mulheres iniciam a luta pelo reconhecimento da profissão de agricultoras, porque até então aliado com as questões de direitos da previdência, só quem poderia acessar os direitos era agricultora e na maioria dos casos nos documentos das mulheres eram denominadas como "do lar", então se pautou essa questão e exigido pelas mulheres o bloco de notas de produtor rural incluindo o nome das mulheres, assim também nos registros das crianças e documentos em geral. As mulheres começam a se denominar como trabalhadoras rurais.

2.2.1 Fundação do MMC

Em 1995 criou-se a Articulação de Nacional Mulheres Trabalhadoras Rurais que reunia as mulheres dos movimentos mistos e autônomos do campo. A organização das mulheres foi se firmando e avançando nos Estados e começou a potencializar o movimento autônomo para caráter nacional.

Nesse sentido as mulheres dão continuidade a organização em Movimentos, grupos de mulheres com os debates da luta das mulheres, enfrentando primeiramente a barreira de conseguir sair de casa, pois as tarefas eram responsabilidades das mulheres. Neste sentido algumas desistiram e não deram continuidade, outras andaram a passos lentos e outras ainda assumiram de fato a luta das mulheres, da missão do Movimento de Libertação das Mulheres,

seguiram a luta enfrentando a luta geral cotidiana inclusive, a luta por pequenas mudanças dentro das próprias casas, divisão de tarefas, direito de sair de casa, espaço público e privado de homens e mulheres.

Em vários Estados brasileiros emergem movimentos de mulheres, alguns Estados mais tardios. As mulheres camponesas começaram a se reunir nos grupos e discutir os temas que diziam respeito entre as mulheres, direitos, violência, profissão e trabalho. Esse processo consolidou uma articulação entre esses Estados e o ponto de chegada foi a consolidação do Movimento de Mulheres Camponesas- Brasil com missão³, princípios⁴, valores⁴, que em 2004, houve continuidade a fortalecer um movimento nacional, com características próprias: camponês, feminista e de classe.

Camponês, que trabalhasse com as mulheres Camponesas do Brasil a proposta de produção de alimentos saudáveis, plantas medicinais discutindo o Projeto de Agricultura Camponesa, “se afirma com a identidade de mulheres que produzem sua subsistência com respeito à terra e o ambiente como um todo e que residem no campo” (MARTINS, 2006 apud PALUDO, 2009, p.117).

Feminista que trabalhe as relações entre homens e mulheres no campo reafirmando a necessidade de mudanças, pois no campo se mantém uma cultura machista, conservador em relação as mulheres “ainda a luta histórica das mulheres como instrumento de luta por direitos, comprometidos com a transformação nas relações sociais de gênero e classe” (MARTINS, 2006 apud PALUDO, 2009, p.117).

E, de **classe**, pois faz parte da classe trabalhadora no contexto geral. Essas são as bandeiras que os Estados e regiões começam a discutir a partir da realidade vivida pelas mulheres nos locais onde vivem. Assim esse movimento, desde o início, tem caráter de

³ “**Missão**: a libertação das mulheres trabalhadoras de qualquer tipo de opressão e discriminação. Isso se concretiza nas lutas, na organização, na formação e na implementação de experiências de resistência popular, onde as mulheres sejam protagonistas de sua história. Lutamos por uma sociedade baseada em novas relações sociais entre os seres humanos e deles com a natureza” (www.mmcbrazil.com.br. 2013) “**Princípios: Autônomo** - quem decide os rumos são as próprias mulheres; **Democrático e popular** - as mulheres têm voz e voto e buscam organizar todas as trabalhadoras do campo; **Classista** - pertence às trabalhadoras do campo, que compõem a classe trabalhadora; **Novas relações de igualdade** - entre as pessoas, com a natureza e a vida como um todo; **De luta**: para transformar a sociedade e as relações; **Socialista** - onde todos tenham direito de viver com dignidade e igualdade” (www.mmcbrazil.com.br. 2013).

⁴ “A responsabilidade individual e coletiva de continuar na luta; Respeitar as diferenças; Ética; Disciplina; Construir novas relações; Assumir as decisões coletivas; Solidariedade; Amor à luta; Companheirismo; Valorização da mulher e de todos os seres humanos; Capacidade de indignar-se diante das injustiças, transformando nossa indignação em ação concreta de superação de nossos limites; Espírito de sacrifício; Mística revolucionária e feminista; Resgatar a cultura camponesa do trabalho individual e coletivo, como forma de valorização do ser humano; Preservação, conservação e proteção da natureza; Valorização da família como forma de fortalecimento do movimento” (www.mmcbrazil.com.br).

transformação da sociedade pautada no modo de produção capitalista que prima pelo lucro e exploração dos trabalhadores e trabalhadoras. Tendo essa certeza o MMC se unifica e reafirma o caráter de luta com muito mais intensidade do ponto de vista da missão traçada pelas próprias mulheres, a libertação das mulheres das formas de opressão, a transformação da sociedade e a luta por um novo projeto de agricultura camponesa na ótica feminista.

Segundo Conte apud Paludo (2009, p.130) se caracteriza;

ressignificar de valorizar o apego a terra, o respeito a biodiversidade e a defesa da vida [...] garantia da autonomia da de camponesas e camponeses sobre o processo de trabalho o corpo e sobre o modo de vida [...] ressignificar o modo de ser e viver nossos ancestrais , negando todas as formas de opressão e dominação, tanto do patriarcado como do capitalismo [...] fortalecimento da arte e da cultura camponesa [...] reconhecimento do saber popular fruto da herança e do conhecimento da vida camponesa.

Acrescenta Paludo:

Viabilizado pelo protagonismo do conjunto dos camponeses e camponesas. Frente herança histórica de discriminação das mulheres, coloca-se a necessidade de fortalecer a participação efetiva delas em todos os espaços de decisões sobre a produção, o patrimônio, as relações humanas, políticas e comunitárias de maneira a garantir a manutenção e o avanço do campesinato [...] autonomia das mulheres sobre seu próprio corpo e o fim da mercantilização do corpo das mulheres como o fim de todas as formas de violência [...] opressão discriminação e dominação praticada contra as mulheres...(PALUDO, 2009, p.130).

As conquistas nesse processo de lutas das mulheres foram poucas, mesmo assim, podemos ressaltar que em 1995 as mulheres camponesas conseguiram colocar seu nome no bloco de produtora rural. Nesse período também a luta pela implementação do Sistema Único de Saúde (SUS). A luta pelo sonho de construção de via digna no campo continuava.

O MMC é membro da Via Campesina, que é uma articulação de organizações do campo e se organiza a nível internacional.

O debate de gênero tem se qualificado com elementos dos debates do MMC, segundo PALUDO;

a dominação de gênero está em todos os espaços . Por essa razão, no Movimento, não se tratava mais de discutir o "problema das mulheres", mas as relações de poder dentro das organizações, de esquerda ou de direita. Isso qualificou o debate, apontando para algo mais profundo do que simplesmente a participação ou a representação até pode existir, mas que poder elas tem? (PALUDO, 2009, p.124).

2.2.2 Perspectivas de luta das camponesas

As lutas das mulheres são a partir das opressões concretas manifestadas pelo capitalismo no campo, a ocupação dos territórios camponeses, a perda da biodiversidade, sementes, plantas e na tomada dos saberes populares das mulheres. Atingindo homens e mulheres, porém com mais intensidade, principalmente na vida das mulheres, pois esse modelo tira das mulheres o direito dos seus territórios de produção e de autonomia. Considerando que o patriarcado se manifesta com traços fortes e ao mesmo tempo com sutileza no campo, pois as famílias são organizadas de forma hierárquica de comando do pai/marido/filho, visto de forma natural no senso comum, o modelo de produção capitalista ajuda e reafirma a opressão de homens sobre as mulheres. Tendo esse olhar e compreendendo o território como um espaço conflituoso e de disputas, no campo se materializa e é visível a disputa dos espaços de produção camponesa. Tanto na disputa do capital pela dominação da produção geral, como nas famílias a disputa pelo que plantar e onde plantar na unidade de produção, se sobressaindo geralmente, as ideias masculinas pautadas por assentados nessa "cultura".

Os homens são mais seduzidos pela produção de produtos que geram receita, as mulheres compreendem melhor a importância da produção de alimentos, horta, hortos medicinais, pomares, criação de pequenos animais e entre outros. Aqui se expressa as manifestações do modelo de produção vigente no campo do ponto de vista da luta das mulheres.

As mulheres defendem a agricultura camponesa pois é a partir dela que se constrói a soberania alimentar e a autonomia das unidades de produção, mesmo com o avanço do modelo do agronegócio no campo. Segundo o Censo Agropecuário da Agricultura Familiar (BRASIL, 2006, p.01):

[...] a agricultura familiar produz 87% da produção de mandioca, 70% da produção de feijão, 46% da produção de milho, 38% da produção de café, 34% da produção de arroz, 21% da produção de trigo, 58% da produção de leite, 59% do plantel de suínos, 50% das aves 30% dos bovinos.

Por isso que as mulheres sentem com maior intensidade o avanço desse modelo de agricultura, porque são elas que tem a "tarefa" (coloco entre aspas, porque compreendemos que essas tarefas também são tarefas que devem ser discutidas e divididas entre homens e mulheres). “O projeto de agricultura se sustenta, sendo fundamentado nos princípios da agroecologia, da promoção da vida, com soberania dos povos” (PALUDO, 2009, p.124), do cuidado do autoconsumo familiar, da horta, do pomar, das sementes crioulas, das plantas medicinais (chás, elixires, essências, florais). Essas expressões são antagônicas ao modelo vigente na agricultura nos dias atuais.

Segundo a lógica da implantação do modelo do agronegócio, cito abaixo um exemplo de consequência deste, sob a agricultura brasileira, o Brasil foi pelo segundo ano consecutivo, o primeiro colocado no ranking mundial de consumo de agrotóxicos. Mais de 1 milhão de toneladas (o equivalente a mais de 1 bilhão de litros) de veneno foram jogados nas lavouras em 2009 de acordo com o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defensivos Agrícolas (Cartilha Agrotóxicos, Caderno de Formação I). Diante dessa realidade a Via Campesina tem lançado a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e pela Vida, como mostra a Figura 2, assumida por mais de 30 entidades da sociedade civil brasileira. Hoje a campanha é assumida pela Via Campesina Internacional.

Figura 2 - Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida / Agricultura Diversificada⁵



Fonte: Organização: BATISTA. ANZILAGO, 2012.

No campo das experiências de luta, as mulheres que integram o Movimento de Mulheres Camponesas e mulheres da Via Campesina fazem ações de enfrentamento direto ao capital como a ação na empresa Aracruz Celulose em 2006 contrapondo o modelo vigente e pautando a produção de alimentos saudáveis e a agricultura camponesa, denunciando o monocultivo de árvores e a produção de celulose para a exportação, onde as manifestações causaram grande prejuízo econômico na empresa pois foi destruído o horto de mudas da empresa.

⁵ “As figuras citadas são provenientes de materiais e arquivos da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida e do Movimento de Mulheres Camponesas. A multinacional Aracruz Celulose é uma empresa de reflorestamento situada no Rio Grande do Sul com o intuito de produzir pasta de celulose para exportação. A ação de enfrentamento das mulheres na Aracruz celulose foi uma ocupação com o objetivo de pautar na sociedade o debate dos monocultivos de árvores exóticas (eucalipto) para exportação, que destrói a natureza, expulsa camponeses e camponesas da terra com o objetivo da acumulação de capital/lucro, substituindo a produção de biodiversidade no campo pela monocultura de árvores” (MMC, 2007).

[...]a empresa Aracruz no ramo do agronegócio da celulose, produz 35% da celulose branqueada do mundo, numa proporção de 6,4 milhões de toneladas /ano. A instalação da fábrica de Guaíba /RS recebeu 337 milhões de dólares do BNDS (banco público) e 297 milhões em infraestrutura (Cartilha Soberania Alimentar, compreensão e ação na luta Camponesa, 2007, p.16).

Ao mesmo tempo, essas mesmas mulheres propõe um projeto de agricultura construída a partir do olhar das mulheres com reforma agrária, políticas públicas de crédito para a produção de alimentos e geração de renda, formação e capacitação técnica para as mulheres, denunciando o agronegócio no campo. Exemplos que as mulheres já fazem, são os hortos de plantas medicinais no Rio Grande do Sul e produção de remédios caseiros elaborados nos grupos de mulheres com projeto chamado Plantando Saúde. Estes são consumidos pelas famílias e comunidades.

No decorrer do tempo e com as experiências implantadas na prática de luta e de resistências das camponesas, as mulheres vão construindo a resistência ao modelo do agronegócio e pelos territórios soberanos, construindo novos valores, assumidos pelas mulheres e forçando a mudança na sociedade.

Vandana Shiva relata sobre o papel das mulheres:

Através da história coube as mulheres cuidar da economia do lar, por isso elas lideram a defesa da terra, a divisão do trabalho tratou de cuidar da família como se não fosse trabalho. Esse trabalho que as mulheres fazemos dentro de casa é muito semelhante ao trabalho que faz a natureza, e esse trabalho da natureza é o que permite a reprodução da vida na natureza igual ao trabalho das mulheres em casa permite a reprodução da vida social. As mulheres fazemos um trabalho invisível, um trabalho dentro de casa como não passa pelo mercado porque não tem valor. O paradigma patriarcal usado neste conceito foi o mesmo que fez o capitalismo crescer. Nós mulheres queremos usar essa função com criatividade de maneira a preservar a vida. As pessoas podem participar neste processo regenerativo compartilhando os bens da natureza. Usamos nossa inteligência criativa e nesse momento está mais nas mãos das mulheres e dos povos originários que dizem não ao mecanicismo industrial. É o povo, a democracia e a liberdade de espírito que irão redefinir o futuro ⁶

Nesse sentido da transformação da sociedade o MMC carrega na sua essência de organicidade os valores da responsabilidade individual e coletiva de alcançar a luta das mulheres, o respeito as diferenças, a construção de novas relações entre homens e mulheres e com a natureza, a solidariedade, amor a luta, o companheirismo, capacidade de indignar-se diante das injustiças, transformando a indignação em ação concreta de superação de limites, mística feminista e revolucionária, resgate a cultura camponesa do trabalho individual e

⁶ Depoimento feito na Cúpula dos povos/Rio+20 RJ 2013.

<http://riomais20sc.ufsc.br/files/2012/09/DOCUMENTOS-FINAIS-DA-CUPULA-DOS-POVOS-NA-RIO-20-POS-JUSTI%C3%87A-SOCIAL-E-AMBIENTAL.pdf>

coletivo, como forma de valorização do ser humano, preservação, conservação e proteção da natureza e valorização da família como forma de fortalecimento do movimento, e que se manifesta nas ações de luta pela transformação da sociedade chamadas bandeiras de luta.

Nos direitos sociais: direito a saúde pública integral e de qualidade com promoção, prevenção e recuperação, garantia de documentação pessoal e profissional para as mulheres e para as famílias, direito a educação de qualidade pública não sexista e que trabalhe a realidade camponesa dos locais, moradia digna, saneamento, água, energia, estradas, lazer, garantia de políticas de combate a violência contra as mulheres.

O projeto de agricultura camponesa: políticas de comercialização da produção camponesa garantindo a renda das famílias com tecnologias adequadas a realidade camponesa, reforma agrária integral, viabilização de políticas públicas para a agricultura que garantam a permanência no campo, a produção de alimentos saudáveis, crédito especial para mulheres, uso equilibrado da biodiversidade respeitando os ciclos naturais, produção agroecologia e produção de alimentos saudáveis.

O Projeto Popular para o Brasil: em defesa do território, da soberania nacional, da cultura brasileira; e participação política das mulheres na sociedade.

3 MULHERES CAMPONESAS SE ORGANIZAM EM LUTAS

*Desconfie do mais trivial,
na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o
que parece habitual. Suplicamos
expressamente: não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural...(Brecht)*

Sempre na história das sociedades houve a divisão de tarefas por sexo. Na época dos nômades, as mulheres faziam a coleta e garantiam com isso a maior a regularidade da alimentação da comunidade e os homens caçavam. A caça era acréscimo da alimentação, podendo dar resultado ou não. Foi a partir da coleta, que as mulheres inventaram a agricultura. Engels na obra “A Origem da Família Propriedade e do Estado”, com a invenção da propriedade ocorreu a primeira derrota das mulheres. A partir do século X “família monogâmica (expressão da propriedade privada, a forma patriarcal de organização familiar [...] o patriarcalismo corresponde à forma mais adequada para a reprodução da humanidade na sociedade de classes” (ENGELS, 2010, p.1). Na sociedade romana só era cidadão, homens brancos e proprietários. As mulheres, negros (as) e imigrantes não tinham título de cidadão romano, as comunidades se organizavam em torno dos laços sanguíneos, a terra pertencia a comunidade com a autoridade do chefe da família (pai).

Esses são apenas alguns exemplos, de como a sociedade foi moldando as relações humanas em relações há exploração. A propriedade privada trouxe a necessidade de manter as riquezas na família e reduziu ao longo dos anos a noção de família (ENGELS, 2010), criando uma hierarquia entre homens e mulheres, pois a única forma de garantir a certeza da paternidade era o aprisionamento das mulheres (aprisionamento físico e psicológico) e os métodos para manter era a educação, religião e a família.

A propriedade privada dos meios de produção se organiza de forma mais excludente com a revolução burguesa que substitui o sistema feudal, dando início ao sistema capitalista. Nesse novo sistema a propriedade dos meios de produção é privada e a sociedade se divide em duas novas classes: Os que detém os meios de produção, chamados de capitalistas e os que não tendo os meios de produção, lhes restando vender a força de trabalho. Nesse sistema, apesar das riquezas serem produzidas socialmente, seus resultados são apropriados de maneira privada, mas a ideologia em torno dele faz com que as pessoas acreditem que cada um receba sua parte. O trabalhador recebe o salário e o capitalista o lucro.

A sociedade capitalista que se origina com a ideia de que todos são livres e nascem iguais, exclui dessa liberdade metade da população: as mulheres. Essa exclusão não acontece

de forma aleatória, o trabalho gratuito realizado pelas mulheres possibilita que o capitalista possa manter os salários dos trabalhadores ainda mais baixos, pois parte do trabalho que o trabalhador teria que realizar (lavar roupa, cozinhar, cuidar das crianças, ou seja, garantir a reprodução social) é realizada pelas mulheres de forma gratuita.

Assim essa “sociedade de iguais”, se fortalece na exploração do trabalho da mulher. Desvalorizando-o, e justificando através de dois mecanismos, sendo a separação e a hierarquização. São os trabalhos teóricos das pesquisadoras como Danielle Kergoat e Helena Hirata que tem contribuído para o desvelamento de categorias que joguem luz sobre a desigualdade construída na sociedade, entre homens e mulheres. Elas têm trazido categorias de análise que buscam demonstrar as diferenças entre a socialização de homens e mulheres através do trabalho. Nesse intuito elas chegam por volta dos anos 70, do século passado a categoria: divisão sexual do trabalho, sendo essencial para nosso estudo. Nesse momento, as pesquisadoras buscaram ir além da denúncia, queriam repensar o “trabalho” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 597).

Esses estudos se consolidaram na França a partir de duas linhas de pensamento, que são distintas:

Uma estuda a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição; e se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos. [...] E aqui se chega à segunda acepção, segundo a qual falar em termos de divisão sexual do trabalho é: 1. Mostrar que essas desigualdades são sistemáticas e 2. Articular essa descrição do real como uma reflexão sobre os processos mediante os quais a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades, e, portanto, os sexos, em suma, para criar um sistema de gênero. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.596).

A divisão sexual do trabalho representa a base material que expressa as relações sociais de sexo (KERGOAT, 2009), é nela e a partir dela, que o patriarcado se constrói e consolida as diferenças sociais entre homens e mulheres, fazendo com que simples diferenças sejam entendidas como inferioridade.

A divisão sexual do trabalho [...] Tem por característica a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.). (KERGOAT, 2009, p.67 e HIRATA; KERGOAT, 2007, p.599).

Essa divisão social organiza-se a partir de dois princípios: a separação; que define trabalhos destinados a homens e trabalhos destinados à mulher e a hierarquização, onde o trabalho de homem vale mais que um trabalho de mulher.

Outra forma, possível de perceber com clareza essa distinção, é quando nos referimos aos trabalhos como sendo leves ou pesados. O estudo realizado por Paulilo (1987) demonstra que não existe uma definição precisa do que é trabalho leve ou trabalho pesado. Sua atribuição é a partir de quem o realiza, ou seja, trabalhos realizados por mulheres e crianças são considerados leves, os realizados pelos homens são pesados e o pagamento por esses trabalhos também respeitam essa lógica: o “leve” tem pagamento inferior ao “pesado”. Deixando evidente a hierarquização feita a partir do sexo de quem realiza o trabalho.

Trabalho leve não significa trabalho agradável, desnecessário ou pouco exigente em termos de tempo ou esforço. Pode ser estafante, moroso, ou mesmo nocivo à saúde – mas é “leve” se pode ser realizado por mulheres e crianças. [...] A conclusão, portanto, é clara; o trabalho é leve (e a remuneração é baixa) não por suas próprias características, mas pela posição que seus realizadores ocupam na hierarquia familiar. (PAULILO, 1987)

A divisão sexual do trabalho também sofre influência da divisão da sociedade de classes. As mulheres das classes altas investem nas suas carreiras externalizando o trabalho doméstico, que geralmente é realizado por outras mulheres, mas que na escala social encontra-se mais abaixo que a primeira.

Nos países europeus, como a França onde Kergoat e Hirata fazem sua pesquisa, essa realidade de externalização do trabalho doméstico é nova e segundo as autoras serve para apaziguar as tensões entre o casal burguês. Mas, no Brasil, o trabalho doméstico tem resquícios muito fortes do período escravocrata e faz parte da vida das famílias de forma mais ampla e disfarçada, muitas vezes, em relações de parentesco.

Essa exploração, não foi aceita pelas mulheres de forma pacífica, muitas contestaram e houve sinais de resistência por várias partes do mundo. Podemos citar, só alguns exemplos para ajudar: Joana D’Arc na França que comanda o exército Francês e é queimada como bruxa em 1431. No Brasil as mulheres indígenas na defesa dos territórios, as negras enfrentando a escravidão (1597), na ditadura (1945), a luta pela terra com poucos registros da participação das mulheres. Assim no decorrer da história as mulheres foram fazendo a luta mesmo sendo invisibilizadas, e até os dias atuais, as mulheres vem construindo seus espaços a passos curtos e demorado. Afirmando a luta histórica das mulheres, nas mudanças de paradigmas a sociedade contrapondo a construção social de homens e mulheres como opressores e oprimidas na

intencionalidade de ressignificar as relações humanas e com a natureza, manifestados nas organizações feministas e movimentos organizados.

3.1 A construção da resistência das camponesas em Goiás

Nesse sentido as camponesas no Estado de Goiás vêm fazendo um esforço na organização das mulheres no MMC, principalmente no norte do Estado onde os números indicam que há um maior número de pessoas no campo, com comunidades tradicionais camponesas e com um número expressivo de assentamentos de reforma agrária, pautando os direitos das mulheres e também em defesa da agricultura camponesa.

O assentamento estudado está localizado no município de Porangatu-GO, proveniente de um longo período de acampamento no corredor (beira da estrada), de muitas famílias que sonhavam em ter um pedaço de terra para produzir e reproduzir como condição de sobrevivência. São 94 famílias de camponeses e camponesas, que na sua maioria tem raízes camponesas e queriam retornar a terra. O assentamento Fernando Silva está sendo estruturado a partir das condições e critérios do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Nesse sentido, os lotes já foram cortados e divididos para as famílias, sendo que cada uma recebeu de 6 a 9 alqueires de terra, as casas estão em processo de acabamento e a energia elétrica só foi ligada no mês de junho de 2012. As questões estruturais são precárias e revela a omissão do Estado, inclusive em se tratando de educação, saúde, lazer e entre outros.

As unidades de produção camponesa do assentamento possuem a titularidade da terra e está registrada no nome das mulheres. As famílias produzem em baixa escala para o consumo familiar e vendem o excedente. O uso da terra é feito de maneira que esta garanta a subsistência das famílias.

Marx in Oliveira nos ajuda a compreender:

A propriedade livre do camponês que cultiva a própria terra é, sem dúvida, a forma mais normal da propriedade da terra para a exploração em pequena escala; isto é, para um modo de produção em que a posse do solo é uma condição para a propriedade, por parte do trabalhador, sobre o produto do seu próprio trabalho, e através do qual, seja á proprietário livre ou vassalo, o agricultor sempre deve produzir seus próprios meios de subsistência, independente, como trabalhador isolado com sua família. A propriedade da terra é tão necessária para o completo desenvolvimento desse modo de exploração como o é da do instrumento para o livre desenvolvimento da atividade artesanal. Essa propriedade mesma, constitui aqui a base para o desenvolvimento da independência pessoal. (Marx, tomo III-vol. 8 1984:1026, in Oliveira, 1996, p.50).

As unidades camponesas localizadas e pertencentes ao assentamento se dividem em associações, de acordo com as posições políticas de concepção de organicidade. A associação 01 se organiza de forma que as famílias consigam alguns benefícios para os assentados como, insumos agrícolas para as produções comerciais, mas também os produtos consumidos dentro das unidades de produção, assim também a posse coletiva de um trator que distribui as horas de trabalho nas famílias camponesas para facilitar o manejo do solo. O trator praticamente trabalha o ano todo e em todas as famílias a partir das demandas levantadas pela comunidade. Esse instrumento de trabalho foi conseguido a partir de um projeto com a Igreja Católica, fruto da organização das famílias e principalmente das mulheres, pois foram elas que tomaram a iniciativa de fazer o projeto e buscar o trator.

Geralmente em se tratando das questões da educação, da formação, da escola, da escrita, são as mulheres que tomam frente no assentamento, dá a impressão que as mulheres têm um grau de escolaridade superior aos homens e estes se preocupam e tomam conta das roças. São as mulheres que tendem a organizar e dar organicidade no assentamento, inclusive montando as associações, organizando grupos de mulheres, juventude e também as celebrações e missas.

Parte das mulheres do assentamento se organiza em grupos de base do Movimento de Mulheres Camponesas com a intencionalidade de discutir os assuntos que diz respeito, a priori, aos direitos das mulheres e das famílias do assentamento, previdência social, programas de acesso ao crédito, produção, projetos de geração de renda, artesanato entre outros. Vale refletir que as mulheres têm ambições de libertação e a busca na organização do MMC. Sendo assim, as mulheres pautam os problemas relacionados com a vida delas e do conjunto do coletivo que ali vive, mas vale refletir que, o que mais move a organicidade das mulheres são atividades que discutem a questão da geração de renda nas famílias, ou seja, algo concreto que ajudam as famílias permanecerem no lote como é o caso das questões de infraestrutura e projetos de geração de renda sendo dirigidos pelo Governo Federal que diz respeito a agricultura familiar camponesa e assentamentos de reforma agrária, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e no último período o Crédito Apoio Mulher. São programas que ajudam na organização da produção das famílias camponesas. Nesse sentido as mulheres têm se organizado de maneira mais sistemática, discutindo as questões relacionadas à soberania alimentar, a luta pelos direitos, a luta contra a violência praticada contra as mulheres entre outros assuntos de relevância no contexto da luta cotidiana das mulheres.

Prova da luta histórica das mulheres em se tratando dos direitos e por conta de necessidade de organizar o povo, observou-se o fato concreto que dentro do assentamento as pessoas não estavam recebendo os benefícios dos direitos previdenciários ou eram negados pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), caso este levantado em várias famílias e principalmente no caso das mulheres. Após várias reuniões, as mulheres decidiram fazer uma ação reivindicatória junto ao INSS no município de Porangatu onde este é responsável pelos direitos previdenciários de tal assentamento. Assim as mulheres se organizaram e ocuparam em junho de 2010 a Agencia do INSS, para fins de regularizar as situações pendentes em se tratando desses direitos. Hoje a luta pelos direitos não parou, pois as mulheres ainda enfrentam dificuldades, porém com menos esforço e fruto da luta organizada pelas mulheres e suas famílias de forma a garantir os direitos junto aos órgãos competentes para tal.

No assentamento também funciona uma Roça Comunitária, organizada pelas famílias que fazem parte do grupo da Roça Comunitária, geralmente nessa roça é produzido arroz, este que é usado pelas famílias para o consumo próprio o ano todo.

Em 2007, o MMC lançou uma campanha⁷ com reivindicações por políticas públicas e a entregou a setores e gabinetes de governos estaduais e federal, reivindicando que se contemple, entre outras, a Reforma Agrária como prioridade de acesso à terra e produção de alimentos; educação do campo de qualidade; garantia de previdência pública universal e solidária e a condição de seguradas especiais na previdência social; acesso a saúde pública integral; subsídio público para investimento na agricultura camponesa; garantia de políticas de documentação; saneamento, luz e estradas para facilitar as condições de vida no campo; investimento público na pesquisa, ciência e tecnologias a serviço da vida; garantia de políticas públicas de combate a violência e proteção de mulheres e crianças; política de comercialização e aquisição direta de alimentos e produtos da agricultura camponesa, para os trabalhadores da cidade e entidades públicas (MMC 2007).

Frente a isso, percebe-se que continua a necessidade de mobilização e articulação pelo povo empobrecido e as mulheres continuam pautando questões relativas aquilo que consideram relevante para terem uma vida melhor desde o local onde vivem. As mulheres do MMC, de modo especial, sabem e acreditam que se não fosse a sua organização, as condições de sobrevivência no campo seriam muito piores. Neste sentido uma frase de uma militante, quando

⁷ Campanha Nacional pela Produção de Alimentos Saudáveis.

diz “ou a gente luta ou a gente morre⁸” aponta que ainda há muito que fazer, e que as reivindicações por políticas públicas devam ser permanentes.

Em Movimento organizado, de acordo com Paludo (2009), as mulheres do MMC apresentam exigências para além de políticas públicas pontuais e de programas. Elas ousam falar de transformações sociais desde o campo, da cultura e da luta de classes a partir do feminismo camponês, uma categoria a ser melhor estudada e teorizada no próprio movimento.

As reivindicações por políticas públicas são um primeiro passo para a garantia de direitos mínimos das pessoas, no entanto percebe que há necessidade do povo se manter mobilizado em vista de suas efetivações. Parece estar evidente que há retrocesso no âmbito das políticas públicas quando o povo se desmobiliza, por outro lado, somente a luta por elas não bastam quando a sociedade desigual aprofunda as contradições entre os ricos e a camada empobrecida.

As mulheres camponesas organizadas no MMC propõem um Projeto de Agricultura Camponesa na ótica feminista fruto da elaboração coletiva das próprias mulheres que se baseia na produção agroecológica, na soberania alimentar e dos povos, que se baseia em alguns eixos fundamentais que serão descritos em seguida:

- Ambiental: é necessário respeitar o ambiente como um todo incluindo os seres humanos construindo novas relações das pessoas com a natureza, respeitar os ciclos naturais e construir sustentabilidade;
- Mudança de estrutura agrária: fazer uma reforma agrária que desconcentre a terra que construa autonomia dos povos como parte do desenvolvimento do campo na perspectiva popular enfrentando o latifúndio e o agronegócio;
- Economia camponesa: construir alternativas de produção como a agroecologia, alternativas de energias de acesso e controle dos meios de produção construir sustentabilidade camponesa, soberania alimentar, valorizar o trabalho histórico das mulheres na produção de alimento e o todo do trabalho feminino.
- Políticas Públicas: fazer acontecer políticas públicas que de fato promovam o desenvolvimento das unidades camponesas de produção baseadas na soberania camponesa, como educação do campo, previdência pública universal e solidária, saúde pública integral e de qualidade, subsidio público para investimento na agricultura camponesa com seguro agrícola, produção de alimentos, moradia

⁸ Colhida em observação e registrada em 05 de dezembro de 2009.

digna, saneamento, luz, estradas, lazer, tecnologia e maquinários apropriada para a agricultura camponesa para facilitar o trabalho humano.

- Cultura camponesa e feminista: valorizar o espaço camponês de vida em sua diversidade de arte, crenças, rezas, danças, festas, cirandas, rodas de viola, literatura entre outras. Ressignificar as relações humanas repudiando o patriarcado o machismo e o capitalismo como forma de opressão sobre as mulheres.
- Valorização e participação das mulheres: valorizar o protagonismo dos homens e mulheres, fortalecendo a participação das mulheres nos espaços de decisão negando a herança histórica de discriminação, garantindo o desenvolvimento, manutenção e avanço do campesinato.

Ao concluir estas prévias reflexões, percebe-se que se faz necessário estudar mais sobre o contexto vivido pelos camponeses e como o capitalismo se manifesta no Estado de Goiás, porém alguns aspectos podem ser considerados que são muito relevantes o antagonismo dos modelos de agricultura colocados com maior intensidade nos dias de hoje, a histórica luta das famílias e das mulheres na permanência e resistência no campo.

Vale ressaltar que do ponto de vista econômico, as unidades de produção camponesa são uma potencialidade na região pelo fato de haver um grande aglomerado de assentamentos rurais, com terra boa que garante a produção para o autoconsumo e para vender o excedente, o que é carência, é a aplicação de políticas públicas que garantam o desenvolvimento do assentamento, pois estes não têm capital de investimento inicial. Um fator potencial é a disponibilidade de mão de obra para desenvolver atividades, como por exemplo, produção e processamento de alimentos entre outras.

Se por um lado existe o sonho de estar na terra sobrevivendo dela, por outro não são garantidas as condições essenciais de desenvolvimento, porém as famílias e principalmente as mulheres buscam potencializar esse território na organização, na produção construindo os camponeses e as camponesas de Goiás.

3.2 As mulheres na construção do assentamento

Após analisar alguns elementos agrários que constroem o território a ser estudado, é necessário compreender a luta e organização das mulheres no MMC no local da investigação, no caso: o Assentamento Fernando Silva. No entanto, houve a necessário de contextualização das mulheres na história, sendo que a luta pela emancipação humana das mulheres tem papel

fundamental, não só entre o feminino e o masculino, mas na transformação da sociedade de modo geral.

O presente texto, pretende relatar a organização das famílias na transição do acampamento para o assentamento, principalmente a organização das mulheres e que hoje são assentadas da Reforma Agrária. O processo de luta pela terra ocorreu através da luta das mulheres, tanto é que na maioria das vezes foram as mulheres que organizavam o acampamento do ponto de vista da formação, da educação e das lutas. Foram 10 entrevistas realizadas com mulheres assentadas da Reforma Agrária localizadas no município de Porangatu - Goiás. Os dados relatados e analisados são elementos colhidos nesta pesquisa de campo.

Primeiro elemento a ser considerado é que as mulheres entrevistadas permaneceram um média de 3,2 anos no acampamento, debaixo da lona preta exceto uma, variando de 1 para 8 anos de trajetória. No acampamento tinha uma associação que executava os procedimentos para todos, como negociação no INCRA, Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e Federação dos Trabalhadores do Estado de Goiás (FETAEG). O acampamento ficou na beira da fazenda onde hoje estão assentadas, até o INCRA comprar a terra e "dividir" as parcelas. Em seguida as famílias foram cada uma para sua devida parcela, com marcação de área provisória onde permanece até hoje. Não há demarcação e sinalizado oficialmente no terreno.

O Assentamento Fernando Silva tem quase 5 anos de existência, formado com famílias advindas de vários lugares do Estado de Goiás, são 94 famílias, com parcelas que variam de 6 a 9 alqueires totalizando entre a 29 a 43,5 hectares de terra divididos a partir da qualidade do solo, água e localização.

Figura 3 - Localização do Município de Porangatu/Goiás, no Brasil e em Goiás respectivamente nas figuras.



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=mapa+de+Porangatu+GO&espv=210&es_sm=93&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ei=MCPUUoyoEo6NkAflp4HQBg&ved=0CAkQ_AUoAQ&biw=1366&bih=666#imgdii=

A história se faz como conta Maria Divani, assentada no Assentamento Fernando Silva:

Antes nós estava acampado lá na Capelinha, no assentamento de lá, de lá nós viemos pra beira da estrada daqui da Fazenda Nilo Forte, o INCRA tinha comprado dele do Seu Nilo Vila Forte, então o Artur passou que nós viesse pra li, e nós viemos pra beira da estrada e nós viemo, ficamos lá mais de ano, depois passamos pra dentro da terra, cada um agora está dentro do seu lote, ainda tamo precisando fazer as demarcações direito que ainda não tamo fazendo, não tá feita nunca conseguiu fazer, tem muita coisa atrasada aqui que não vai que andar pra frente mas não vai, não sei por que tem um amarro, e tamo aqui pelejando lutando, pra ver se consegue , muitas famílias 93 famílias lutando. É a Fazenda Primavera, é uma homenagem a um amigo nosso nós perdemos aqui no assentamento aqui com nós e nós colocamos o nome de Fernando Silva.

Outra assentada, Marina, nos ajuda a compreender;

Meu nome é Marina, Faço parte do Movimento de Mulheres Camponesas morro aqui no Assentamento Fernando Silva a 5 anos[...] eu sou da terra, sou da garra, to aqui em busca de melhoria. Pra mim chegar até aqui eu passei por muita coisa, olha eu morava em fazenda, na fazenda alheia, eu trabalhava deixe meu marido na fazenda e vim pra li só eu, só eu e Deus no meio de umas(respira) 94 família, olha lá tinha gente de Goiânia, tinha gente de Ceres, tinha gente de Uruaçu que eu não conhecia e eu fiquei ali no meio pelejando até eu venci, até nós tiramos a terra, até que veio o povo pessoal do Incra e tiro repartiu a terra, os lote e cada um foi pro seu lote, mas ainda precisa de muita coisa, falta muita coisa pra melhorar para nós, falta Pronaf, não pegamos Pronaf, a única coisa que nós pegamos foi o Pronaf Inicial e o credito das casas, mas e os outros Pronaf? Então nós sofre, tamo sofrendo, nossos maridos tem que sair pra trabalhar fora, nós mulher tem que ficar aqui trabalhando em casa firmando, pelejando, batalhando, que senão vai fazer o que? ficar todo mundo parado dentro de casa? Não Pode! Pronaf Mulher tem que sair pra nós e não saiu, nunca saiu, então.

E foi dessa forma que o assentamento foi ganhando forma, organicidade, com as idas e vindas das famílias nos acampamentos na beira das estradas, até que a terra foi conquistada.

Nessas andanças as mulheres camponesas vão conhecendo as organizações que articularam os trabalhadores do campo, assim há muito tempo as mulheres camponesas no Estado de Goiás vêm fazendo a tentativa de se organizar enquanto mulheres trabalhadoras do campo. Em 2004 com a construção do MMC, com o Primeiro Congresso realizado em Brasília na data de comemoração do Dia Internacional das Mulheres, 08 de março, as goianas participaram com uma delegação reduzida de mulheres. Estas tinham como tarefa organizar as mulheres do Estado de Goiás em um movimento que atendesse os princípios do MMC/Brasil. Ocorreram várias tentativas de organicidade em alguns municípios do Estado como Caiapônia, Piranhas, Campinorte e entre outros.

As mulheres que se disponibilizavam a trabalhar e construir a organização eram acampadas principalmente e também vinham de comunidades tradicionais vinculadas a movimentos da Via Campesina.

Nesse período quem apostou na construção foi a Comissão Pastoral da Terra como elemento de conduzir as mulheres rumo ao movimento. Nessa mesma tentativa as mulheres compreenderam a proposta do movimento, porém não se identificavam como tal, dentro dessa organicidade. Nesse sentido foram realizadas algumas atividades de formação e organização com a participação da direção nacional do MMC, mesmo assim sem muito sucesso.

Alguns fatores contribuíram para esse momento e um com bastante relevância, onde identificou-se a não compreensão dos maridos das mulheres, entre outros como as andanças entre acampamentos, dificuldades em relação a luta pela terra entre outros. Vale ressaltar que esse momento histórico de 2004 as famílias em que as mulheres participaram das articulações de construção do movimento estavam em situação de acampamento esperando para receber a terra do INCRA, fruto da luta das famílias.

Em 2007, como forma de fermentar a luta e a concretização do projeto de agricultura camponesa ecológica, foi lançada a Campanha Nacional pela Produção de Alimentos Saudáveis, uma campanha que visa focar questões da preservação do meio ambiente, a produção camponesa do alimento associado à soberania alimentar e a participação efetiva das mulheres neste processo. São propostas em várias dimensões na campanha, articulando o político econômico, ambiental e cultural das mulheres, do campesinato, das relações sociais, e acreditamos ser um eixo concreto e motivador para restabelecer o trabalho e potencializar novas lideranças, além de ser uma porta de entrada para o trabalho de base.

No ano de 2008 e dando sequência em 2009, o trabalho assentamento no sentido de dar organicidade dos grupos de base, na formação de uma coordenação mínima, na formação e na participação das lutas do MMC e com alianças de movimento que comungam do projeto de sociedade sonhado pelo MMC, como a Via Campesina. No período 2009/2010 o MMC Goiás tem se colocado no Estado como um ator importante, principalmente nas lutas concretas, podendo citar o 08 de março, e a luta pela garantia dos direitos da Previdência Social entre outras.

Em 2011, houveram atividades importantes para o processo de formação das mulheres, nos aspectos da formação da organização e das lutas. Início de 2011 avaliando o processo do ano de 2010, avanços e dificuldades e também planejando no ano de 2011. Esse processo é interessante, pois o planejamento de 2010 foi também realizado pelas próprias mulheres oportunizando avaliar o coletivo e seus avanços.

Nesse aspecto da formação trabalhamos com as mulheres algumas temáticas que julgamos interessantes no processo de formação, podemos salientar, a Violência Contra as Mulheres, Projeto de Agricultura Camponesa e Renda Direitos Previdenciários.

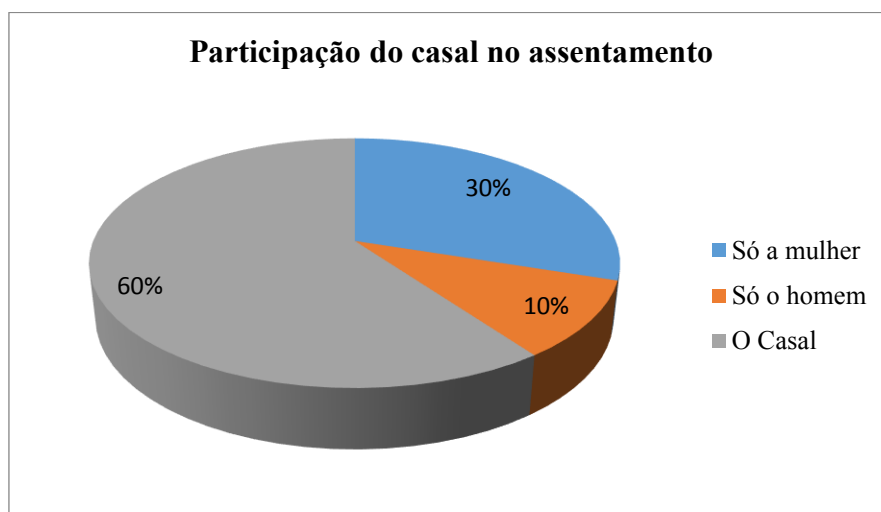
Também temas pertinentes à luta nesse período, como Código Florestal, endividamento dos camponeses e camponesas, crédito, produção de alimentos saudáveis entre outros que culminaram em luta concreta. Nesse sentido trabalhamos e nos organizamos nas “estâncias” de organicidade para melhor dinamizar.

Os grupos de base trabalharam no âmbito da formação, organização e das lutas avaliando o processo feito em 2010. Nesse sentido as mulheres colocaram o tinha sido feito o ano passado, os avanços e o que ficou pendente que não conseguiram realizar. Foram realizadas atividades nos grupos com dois aspectos diferentes, formação/articulação e agricultura camponesa e geração de renda.

Nos anos de 2012 as mulheres camponesas têm dado continuidade na formação dos grupos e acompanhamento em debates que é de interesse das mulheres, porém partem para um momento novo de debate, ou melhor dizendo, a necessidade de aprofundar o debate e a prática em relação a produção de alimentos avançando para a comercialização e a geração de renda.

Para o alcance desde novo momento é fundamental compreender como está o trabalho da mulher juntamente com seu marido no processo de participação das atividades do assentamento, com isto no Gráfico 1 dá a oportunidade de identificar a participação nas atividades do assentamento.

Gráfico 1 - Município de Porangatu - Assentamento Fernando Silva/ Participação do casal nas atividades do Assentamento



Fonte: Trabalho de campo/entrevistas. Organização: Anzilago, 2012.

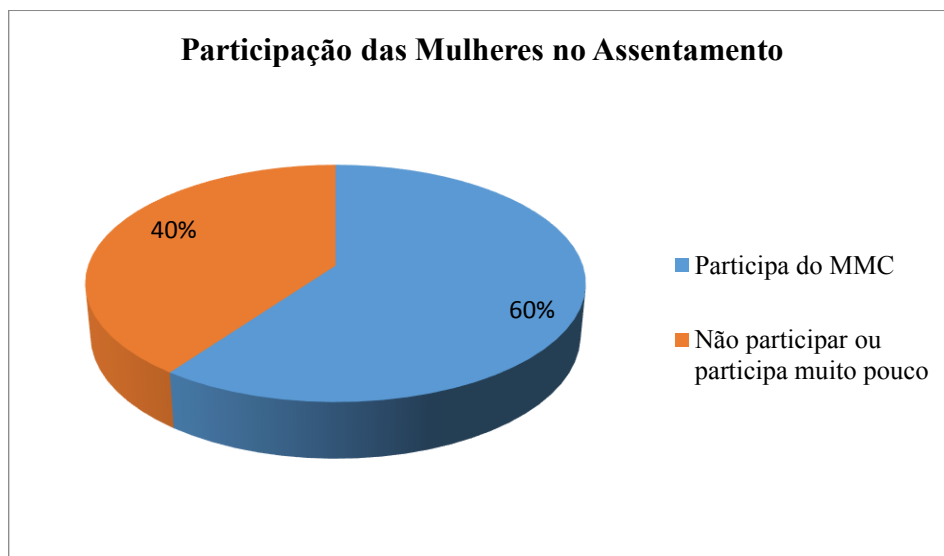
Em entrevistas e tabulação dos dados com as mulheres, observamos que boa parte da participação das atividades em geral do assentamento quem participa é o casal (marido e mulher) com 60% dos entrevistados, e as mulheres individualmente com 30%, porém um

elemento importante a se discutir é por conta da política de titulação da terra, ao qual ocorre no nome das mulheres, e desta forma as obriga a participar mais efetivamente das reuniões principalmente em se tratando dos assuntos relacionados ao Assentamento. Quando perguntada quem participava das atividades do lote, Maria Aparecida Machado respondeu, “Eu, porque o lote é no meu nome, as coisas em relação ao assentamento é tudo eu, que sou a proprietária”. Assim, a Maria Aparecida Ferreira de Oliveira nos falou algo similar: “sempre participa o casal, as mulheres participam bastante. Porque como a titular é a mulher, se tem que assinar alguma coisa, quem assina primeiro é a mulher”.

No parágrafo acima revela que as mulheres têm se colocado como sujeita importante na tentativa de construção de novas relações entre as famílias e entre a comunidade, isto significa que as mulheres tem assumido essa tarefa como construção, talvez se pode pensar que seja um sinal de uma jornada de trabalho a mais para as mulheres, mas encarado como tarefa fundamental para que as mulheres sejam reconhecidas como mulheres e como liderança.

Essa participação se materializa quando elas manifestam as atividades que elas participam, conforme mostra o Gráfico 2.

Gráfico 2 - Participação das mulheres no assentamento

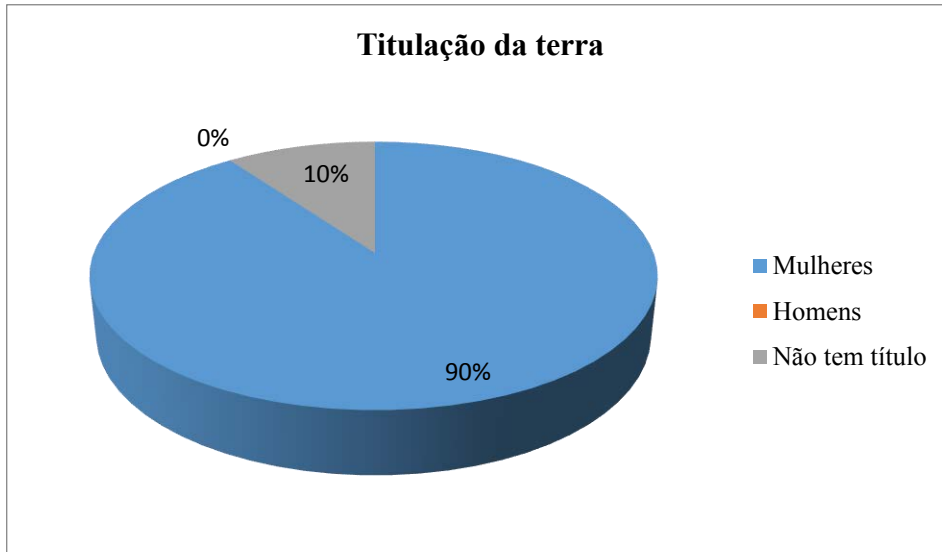


Fonte: Trabalho de campo/entrevistas. Organização: Anzilago, 2012.

É importante destacar que dos 100% das mulheres, que 70% das camponesas participam de alguma das atividades gerais do assentamento (festas, encontros, reuniões de associação, reunião do INCRA), No Gráfico 2 apresenta os percentuais de participação referente aos 70%, onde 60% participa do MMC (encontros, formação, viagens, lutas, mobilizações), e 40% não participa de nada ou participa muito pouco.

Outro ponto a se destacar é a verificação da participação por conta da titulação da terra, como é apresentado no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Titulação da Terra



Fonte: Trabalho de campo/entrevistas. Organização: Anzilago, 2012

A titulação da terra em nome das mulheres tem garantido de certa maneira a participação das atividades gerais do assentamento afirmado no Gráfico 3 onde 90% das mulheres participam de atividades gerais do assentamento, porém essa titulação não influencia na participação das mulheres em outros espaços, justificado pelo fato de que 60% das mulheres participam do MMC, em alguns temas que são ressaltados como atividades e reuniões, cursos, formação e luta da previdência, independente de titulação, não há um vínculo entre MMC e titulação, mas mesmo assim é considerável a porcentagem de 40% de mulheres que não participam de nada ou de poucas coisas, como demonstrado no Gráfico 2.

O processo de formação tem transformado o caráter das lutas das mulheres fazendo com que alcance pequenos resultados, mas significativos e simbólicos na vida das mulheres.

A luta das mulheres para conquistarem o seu reconhecimento como trabalhadoras rurais e por direitos sociais, desencadeadas nas décadas de 1970, 1980, e 1990 são fundadoras de um novo protagonismo que se publiciza através de novas reivindicações anunciadas para o século XXI[...] originaram uma nova força política- a força da mulher (ESMERALDO, 2013, p.254 apud CAMPOS).

A luta pelos direitos da previdência tem ajudado as mulheres acessar com menos burocracia e mais facilidade os seus direitos, pois a Agencia da Previdência social do município as respeitam e “reconhece” os direitos delas, e não só para as mulheres, mas ara suas famílias.

Muitas mulheres que estiveram presentes na ocupação do INSS receberam os benefícios corretamente, assim também as famílias assentadas e acampadas em geral.

3.3 Divisão do trabalho na unidade de produção camponesa

Um elemento relevante é que esse modelo aliado ao machismo e o patriarcado tira da visibilidade o trabalho das mulheres pois a produção do auto sustento, trabalho doméstico, cuidado dos filhos, idosos não são contabilizados na geração de renda das famílias, as mulheres fazem esses trabalhos e não são reconhecidas, por exemplo, as mulheres trabalham na roça na produção de alimentos e estes não são comercializados, não gera dinheiro, logo não é visto como trabalho. Segundo Maria Aparecida Ferreira de Oliveira, quando perguntada em relação o trabalho na família ela diz que, “trabalho de mulher é lavar, passar, cozinhar, cuidar dos animais e o trabalho do homem é cuidar do gado e das roças, trabalhar fora como diarista”. Olhando para esse depoimento se materializa a análise feita acima. Tira o lazer das mulheres e impede as mulheres de estudar, isso se afirma quando as mulheres são perguntadas em relação ao trabalho dos homens e trabalho das mulheres desenvolvidos nas unidades de produção camponesa, no geral o trabalho das mulheres se organiza em 3 eixos que aparece em todas as respostas que são: o cuidado da casa, a produção de alimentos e pequenos animais e serviços gerais inclusive do homem.

Em se tratando do trabalho dos homens as mulheres dizem que é trabalho deles também e aparece em três elementos pertinentes que são: o trabalho da lavoura, o trabalho com o gado e o trabalho para além da unidade de produção, diarista.

Comparando esses dois elementos de trabalho masculino e feminino é possível trazer presente os elementos de que a produção de alimentos e o cuidado da casa ainda é tarefa das mulheres, pois estas revelam sendo assim o trabalho público realizado pelos homens e privado para as mulheres, é pertinente sendo que por vezes só é considerado trabalho aquilo realizado pelos homens quando Maria Aparecia Machado diz: “Trabalho né! (afirmando), cuidar da terra, plantar, cuidar do gado”. Outro elemento é, que se considera trabalho aquilo que gera dinheiro, logo os homens trabalham pelo fato de produzir para venda, produção de grãos, gado e a própria força de trabalho.

Tabela 1 - Divisão do Trabalho na unidade de produção camponesa entre homens e mulheres.

NOME	O QUE É TRABALHO DAS MULHERES?	O QUE É TRABALHO DOS HOMENS?
MARIA APARECIDA MACHADO	Cuidar da casa, cuidar das criações, fazer artesanato, coisas do dia -a dia;	Trabalhar né! Cuidar da terra, plantar cuidar do gado;
MARIA PARECIDA FERREIRA DE OLIVEIRA	Lavar, passar, cozinhar, cuidar das galinhas dos animais, a gente não quieta (eu faço os serviços meus e do meu marido;	Cuidar do gado das roças, trabalha fora de diarista;
ROSALINA PEREIRA FRADES	Arrumar a casa, fazer comida, lavar roupa, passar, cuidar do quintal, eu que cuido; produção de alimentos, cuidar dos animais, galinha, porco...	Colocar o sustento em casa as vezes, muito pouco faz as tarefas diárias;
LUCIA PEREIRA DE SOUSA	Do lar mesmo;	Cuida do gado, cuida da lavoura, roça parcela;
CRISTIANE ALVES DA SILVA	Ich... tudo, ainda mais agora que não tenho marido;	#####
SOLANGE PEREIRA DE CARVALHO	É tudo, capina, animais (porco, galinha...)	É tudo também, capina, gado, vacas;
MARIA DE LURDES PEREIRA FRADES	A mulher faz serviço até dos homens: roça, capina, planta, não consigo dormir de dia, acostumei tanto a trabalhar que não durmo de dia. O homem não trabalha no domingo no feriado	O homem trabalha fora;
ELENICE MARIA DE PAULA	Cuidar da casa, cuidar da horta das hortaliças, cuidar dos animais galinha, porco e faz com muita garra;	Cuida da terra, roçar, preparar a terra pra ficar mais fácil pra nós;
ISAURA FERREIRA LOPES COSTA	Ajudo na roça, eu vou na roça com eles, cuido da criação, horta, galinha, colher arroz... vou mias na roça pois quem fica em casa é minha nora;	Tira leite, mexe com o gado, com roça;
QUILVA ABADIA DA COSTA SILVA	Tomo conta da casa, cuidar dos animais criação, eu não vou na roça.	Cuidar da terra;

Fonte: Trabalho de campo/entrevistas. Organização: Anzilago, 2012

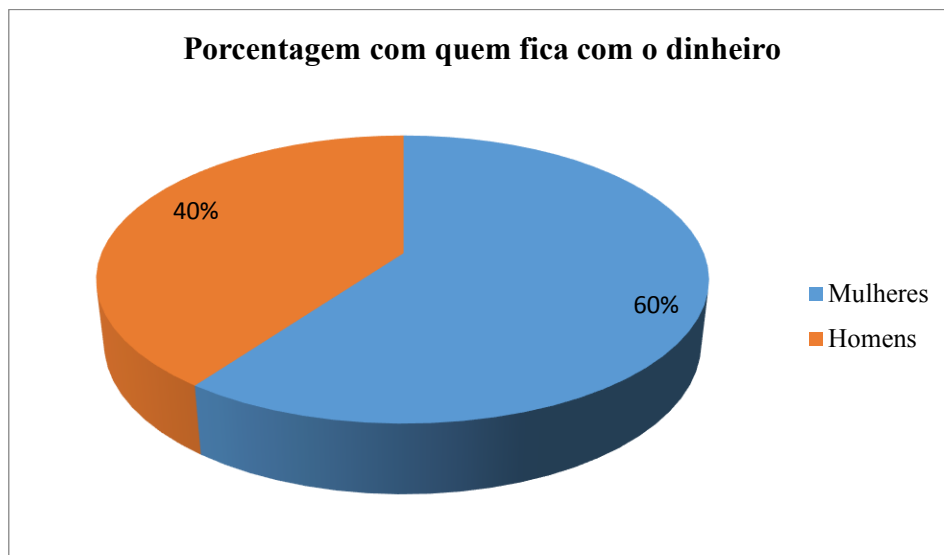
O debate de gênero nos permite avançar na discussão do Quadro 1 para ir além dos elementos biológicos de sexo de homens e mulheres, mas compreender os elementos sociais, políticos, econômicos e culturais que constroem homens e mulheres e que geralmente coloca papéis diferenciados e hierarquizados para tais. Campos cita

los atributos sexuales son una realidade biológica, pero gênero es un producto del proceso histórico. El hecho que las mujeres tengan hijos responde al sexo; que las mujeres los críen se debe al gênero, una construcción cultural. El gênero és el principal

responsable de que se asignara un lugar determinado a las mujeres en la sociedad. (Campos, 2011, p.30).

Nas unidades de produção camponesa não é diferente, há trabalhos definidos para homens e para mulheres. Neste contexto, buscou-se compreender a verificação de quem fica com a renda familiar, onde identifica-se no Gráfico 4

Gráfico 4 – Identificação de quem fica com o dinheiro da família



Fonte: Trabalho de campo/entrevistas. Organização: Anzilago, 2012

Observando a parte em que as mulheres responderam em relação quem fica com o dinheiro da família o Gráfico 4 revela que boa parte das famílias são as mulheres que ficam com o dinheiro, porém Maria Aparecida Ferreira de Oliveira diz, “o dinheiro fica comigo, (Cida), para pagar as contas, se sobrar vai pra carteira dele”; outra fala reveladora é de Maria de Lurdes Pereira Frades, “fica com a mulher e apesar de que é ele que trabalha para ganhar o dinheiro e eu (mulher) trabalho em casa.

Em se tratando do montante de dinheiro, as famílias adquirem o valor financeiro no decorrer do tempo, existem alguns elementos a se considerar: primeiro elemento que aparece com maior ênfase é que o dinheiro que entra na unidade de produção é do trabalho masculino e realizado fora da unidade de produção, ou seja, a maioria dos homens trabalha de diarista seja na lavoura ou de emprego temporário, outro elemento é a consideração pelas mulheres que a produção de alimentos que na maioria das vezes é feita por elas também é considerado como renda, aqui inclui a produção de comida para o auto sustento da família, a venda do excedente, a produção de artesanato e muito timidamente aparece a bolsa família e a aposentadoria de

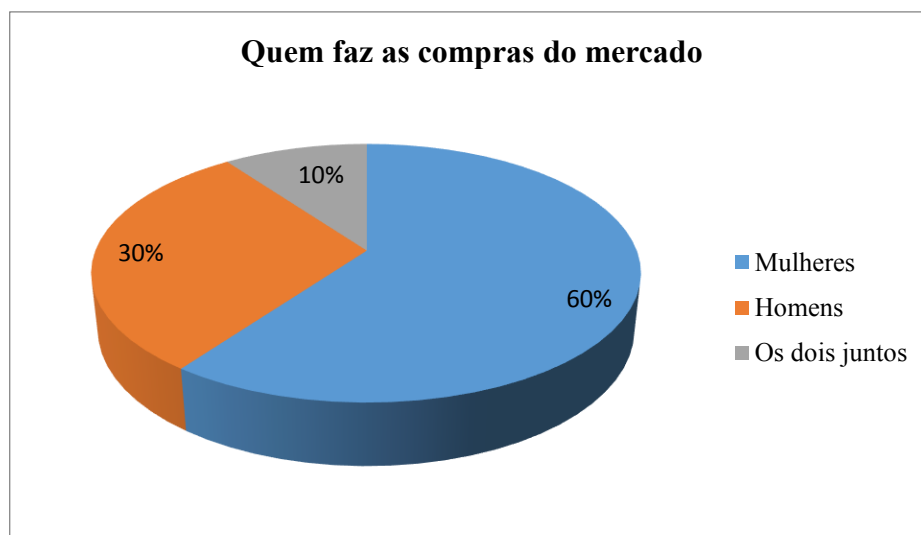
idosos, porém o dinheiro "maior" em moeda vem das diárias dos homens da produção de gado de corte.

Considerando os elementos anteriores, é necessário refletir em relação ao trabalho produtivo das mulheres na produção da renda e o valor deste trabalho em relação à apropriação do dinheiro, como mostrou o Gráfico 4. As mulheres tem se destacado no debate coletivo da família em relação aos espaços de poder considerando as questões econômicas como um elemento importante na construção da autonomia das mulheres.

Por outro lado é necessário refletir a seguinte questão, porque é que os homens na maioria das casas estão trabalhando de diaristas? São várias as justificativas em relação este tema: poucas condições de trabalho, falta de investimento por parte dos órgãos de governo, não receberam o Fomento, não receberam o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) que dariam condições de trabalho e geração de renda na unidade de produção. Boa parte das unidades de produção garantem o auto consumo da família, pois afirmam na pesquisa que, quase não compram nada no mercado, “produz, plantamos horta, milho, tudo que é de comer, porco, galinha, pomar bonito, mandioca, arroz, cria frango, ovos, cocar, milho, abobora, leite, quiabo, giló, verdura, polvilho, farinha de mandioca (entrevista)”.

Todo este contexto dialoga com mais um elemento levantado na pesquisa que trabalha a relação poder e dinheiro, afirmou-se que as mulheres ficam com o dinheiro, mas quando perguntadas quem faz as compras no mercado os números revelam que no geral são as mulheres que fazem compras no mercado, como apresentado no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Responsável pelas compras do lar.



Fonte: Trabalho de campo/entrevistas. Organização: Anzilago, 2012

Das mulheres entrevistadas, 60% menciona que são elas que ficam com o dinheiro da família como mostra Gráfico 4, porém ao se analisar são elas na maioria que fazem as compras no mercado representando 60% do Gráfico 5, sendo estas compras associadas a mantimentos de uso da família, alimentação e vestuário.

Segundo depoimento da assentada no Assentamento Fernando Silva, Porangatu – Goiás, Elenice Maria de Paula, “quase não compramos no mercado, produzimos milho, mandioca, arroz, abóbora, galinha, cocar, porco, leite, e tudo da horta”. Maria Aparecida Ferreira de Oliveira do mesmo assentamento diz, “da parcela tem renda da produção e criação de gado, produzimos o auto sustento, quase não compramos nada para comer, produzimos milho, arroz, cana, mandioca, galinha, batata”.

4 POLÍTICAS PÚBLICAS NO CAMPO: CONQUISTA OU RESISTÊNCIA?

*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.
Nenhum destino biológico, psíquico
econômico define a forma que a fêmea
humana assume no seio da sociedade;
é o conjunto da civilização que elabora esse
produto intermediário entre o macho e o
castrado que qualificam de
feminino. (Simone de Beauvoir)*

Em se tratando da luta das mulheres especificamente entre o período de 2009 a 2013 as camponesas entrevistadas levantaram alguns elementos importantes na luta das mulheres do assentamento que gira em torno de elementos que traz a reflexão de como mulheres se apropriam e fazem as conquistas acontecer. Aparece muito forte dois elementos importantes sendo a conquista do assentamento e a luta pelos direitos da Previdência Social. Ainda mais timidamente aparece a questão da independência e liberdade.

Prova disso é o fato de que a titulação da terra ao ser no nome das mulheres é reconhecida como fruto da organização das mulheres e do enfrentamento ao modelo titulação de terra no Brasil, principalmente da reforma agrária. As mulheres dizem ter a Terra no nome delas, onde sentem mais segurança na continuidade e no desenvolvimento da unidade de produção camponesa, Elenice Maria de Paula diz: “eu acho que a mulher ter terra é ter segurança, porque nós pensamos nos filhos e temos que guardar para eles, é segurança, os homens sempre pensa em qualquer coisa que acontece, quer vender a terra”.

As mulheres consideram a terra como um espaço de produção da vida e um sonho realizado Maria de Lurdes Pereira Frades diz quando perguntada o que significa a mulher ter terra, “significa tanta coisa que nem sei como explicar, eu gosto muito de viver na roça, nasci e cresci na roça, é sair da cidade e vir pra roça, é sair de trabalhar para os outros e ir no lugar da gente. Vir no assentamento conquistar a terra é sair do inferno e ir para o céu. As vezes fica contrariado mas passa, aqui é meu, saber que é meu é muito bom”.

Quando perguntadas em relação às políticas públicas as mulheres do assentamento disseram que tem: as políticas do INCRA- Crédito adicional (casa) R\$ 15.000,00, Apoio inicial R\$ 2.400,00 (ferramentas, alimentos), que foi deliberado logo que foram assentados. As políticas do Governo Federal que inclui a Bolsa Família que já é acessado há algum tempo e o Luz para Todos que é mais recente, onde as famílias têm energia elétrica desde junho de 2012. A prefeitura tem contribuído com construção e manutenção de estradas e aração de terras para os assentados. Aparece ainda que o MMC tem contribuído na formação das mulheres não como política pública, mas como incentivo e formação das mulheres. As políticas públicas, se olhadas

superficialmente dão de entender que vão suprir as necessidades exigidas pelo público do campo, elas até podem existir, porém na realidade não são acessadas com facilidade merecendo nesse caminho a organização dos grupos sociais que travam as lutas para buscar esse direito. Na verdade, as políticas têm esse viés duplo por um lado, o mito da existência delas e por outro a dificuldade de acesso, que precisa de muitas lutas para conseguir.

Vê-se que a luta pelo acesso as políticas de crédito embora as entrevistadas apontem as dificuldades de apoio financeiro ao desenvolvimento do apoio produtivo e geração de renda, elas consideram a defesa das conquistas destas políticas como parte da estratégia tanto da resistência do campo, tanto do resultado das conquistas das famílias camponesas que teimam e lutam para viver no campo. Portanto tais políticas ao implicar na melhoria de vida das populações rurais, influem positivamente no desenvolvimento do camponês no bem-estar da coletividade, daí que está participação das mulheres camponesas na defesa e implantação destas políticas, é uma ação inovadora e propicia fortalecer a resistência camponesa.

As mulheres ressaltam a necessidade de políticas públicas que contribuam no sentido da geração de renda das famílias, ou seja, recursos que venham de encontro ao anseio das mulheres e que garantam o trabalho produtivo das mulheres e das famílias camponesas contribuindo para que as famílias permaneçam e desenvolvam suas unidades de produção camponesa sem necessitar do trabalho além do assentamento, como prática de trabalho de diarista. Uma política mencionada pelas mulheres é o Crédito Apoio Mulher e o Pronaf, compreendido pelas mulheres que estes ajudariam no desenvolvimento e geração de renda do assentamento. Essas políticas são de infraestrutura básica, porém não são políticas estruturantes de organização de produção e do trabalho das famílias camponesas que poderiam ajudar na emancipação e autonomia das comunidades rurais.

Em outros momentos as mulheres também mencionam o trabalho coletivo de grupo de mulheres como anseio e sonho das mulheres assentadas, como forma de permanência e avanço do assentamento.

O trabalho realizado nas famílias envolve longas jornadas de trabalho e a organização lotes individuais e da casa dificulta que elas possam se organizar nos trabalhos coletivos entre elas mesmas, pois boa parte do tempo no ano os homens trabalham de diaristas na região para poder contribuir na renda da família, ficam para as mulheres a tarefa de cuidar da organização da unidade produtiva. Isso recoloca inclusive a importância de refletir sobre a forma de organização da produção, o controle do trabalho, da terra e dos recursos do assentamento. Tais elementos não proveem de atividades cooperadas entre os camponeses e camponesas e nem os tempos e as condições de trabalho das mulheres.

Praticamente quem mantém o assentamento em termos de desenvolvimento da produção e permanência das famílias na terra são as mulheres, afirmo isso porque, também de acordo aos dados coletados, observamos que 80% das entrevistadas colocam a terra como conquista das lutas, como projeto de futuro e, portanto, desejam permanecer no campo e colocam a condição de ter acesso a terra como elemento da segurança familiar, são elas que a maioria do tempo permanecem na unidade de produção, plantando o auto consumo, a criação de animais, enfim o trabalho relacionado a produção da terra geralmente são as mulheres que desenvolvem.

Os homens desempenham outras funções que é além do cuidado principalmente com o gado de corte, o trabalho de diarista para além da parcela. Eles trabalham de diaristas na roçada de pasto, de pedreiro, colheita de lavouras de milho, arroz, gergelim entre outros, em outras propriedades. Porém, é visível que, mesmo trabalhando fora a maioria dos homens trabalham na produção agrícola e não em trabalhos urbanos. Esse trabalho de diarista dos homens se justifica pelos fatores que as condições de produção na unidade de produção camponesa deste assentamento, por não assegurar ainda as condições necessárias de vida no assentamento, por falta de políticas de incentivo a produção e geração de renda.

Mesmo assim, boa parte das mulheres afirmam que o assentamento é o lugar mais apropriado de viver, criar os filhos ter uma vida sossegada e tranquila Rosalina Pereira Frades diz, “melhorou em todos os sentidos, tem tranquilidade de fazer o que quiser a maioria das coisas de consumo, comida a gente tira da terra, aproveita a diversidade de alimentos, frutas da propriedade; trabalha por conta própria e não é mandado de ninguém”. Elenice Maria de Paula argumenta, “nunca pensei nisso, melhorou muito, melhorou a casa, que é sua; a terra que é sua e o que produz é seu.... é bom demaaaaais”.

É possível fazer uma análise comparativa de duas questões importantes que relacionam o que tem de políticas publicas e o que falta para o assentamento. Veja a tabela a seguir a partir das respostas das mulheres.

Tabela 2 - Aplicação de políticas públicas no assentamento

Nome	Quais políticas públicas são aplicadas no assentamento?	O que falta para sua família ter condições de melhorar de vida no assentamento?
Maria Aparecida Machado	Casa/habitação, o fomento não pegou apoio inicial, Não pegou o Pronaf, não pegou ainda o Pronaf. Mulher, bolsa família, energia ⁹ ;	Falta jeito de trabalhar, condições de garantir renda aqui dentro do assentamento;
Maria Parecida Ferreira de Oliveira	Apoio inicial para Assentamento INCRA, Atividades do MMC/seminários, Moradia, Bolsa família, não foi aprovado o fomento ainda, a estrada foi o município que fez, Pronaf pra gado não saiu, Luz pra Todos em 2012;	Ter incentivos para dar continuidade/ Pronaf/ ter projetos de produção de renda recurso para permanecer no assentamento;
Rosalina Pereira Frades	Credito apoio adicional de R\$ 15.000,00 para casa/moradia, apoio inicial de R\$ 2.400,00 ¹⁰ ;	Falta dinheiro, oportunidade de comercializar a produção das famílias;
Lucia Pereira de Sousa	Arração de terra da prefeitura, estrada arrumada, transporte escolar;	Falta dinheiro, condições financeiras;
Cristiane Alves da Silva	Energia elétrica, não recebeu o apoio inicial e nem o dinheiro da casa, o que fez na casa é por conta própria e o INCRA nunca arrumou a papelada para regularizar ¹¹ .	Melhor moradia e assistência do INCRA não só para mim, mas para todos. Assistência Medica melhorar o transporte para levar na cidade, não tem como vender as coisas na cidade, não tem ponte para passar o ônibus;
Solange Pereira de Carvalho	Apoio inicial para alimentos e ferramentas, apoio habitação, não recebeu o fomento que é para semente adubo e arame, energia elétrica, não recebe a bolsa família;	Falta muita coisa aqui, não tem renda, a dificuldade é muita não tem emprego fixo, é difícil;
Maria de Lurdes Pereira Frades	A estrada quem arrumou o ano passado foi à prefeitura, não pego o apoio inicial, não pegou o recurso para casa/habitação, pegou a energia elétrica Luz para todos, lote.	Transporte, linha de ônibus dentro do assentamento, não tem transporte publico/ escola para as crianças /moradia digna/ ter algo que gere renda dentro do assentamento sem ter que trabalhar fora do assentamento;
Elenice Maria de Paula	A energia foi tudo facilitou muito para lavar roupa ajuda excelente, apoio inicial, bolsa família;	Falta liberar recursos para a produção de renda, ter oportunidade de investir mais além do leite, porque tudo o que vai fazer precisa de dinheiro;
Isaura Ferreira Lopes Costa	Apoio inicial, energia elétrica, somos aposentados os dois da previdência social.	Dinheiro, verba projeto de investimento geração de renda;

⁹Essa política existe no Assentamento, mas essa família especificamente ainda não acessou.

¹⁰Este é o apoio previsto, mas de fato pegaram, se o recurso prever só a produção e como de fato é, importante ressaltar em comentários em baixo que mesmo em caso de acessar os parcos recursos destinados a produção, ainda é colocado como parte da resistência e luta por conquista que os financiamentos e políticas publicas incorporem políticas de comercialização da produção. Este é um eixo do processo produtivo que praticamente no assentamento pesquisado não aparece nenhum incentivo ou conquista de política pelos camponeses neste aspecto.

¹¹Essa política existe no Assentamento, mas essa família especificamente ainda não acessou.

**Quilva
Abadia da
Costa
Silva**

Energia elétrica, moradia/casa.

Mais oportunidade e apoio do governo, os benefícios de direito, não tem Pronaf ainda, não pegamos os benefícios ainda.

Fonte: Trabalho de campo/entrevistas. Organização: Anzilago, 2012

Analisando as políticas públicas aplicadas no assentamento, quando as mulheres são perguntadas o que melhorou depois das políticas públicas que foram aplicadas incluindo aqui a política de assentamento, energia elétrica, apoio inicial e bolsa família, elas revelam que no geral melhorou, pois articulam as políticas principalmente com a vida tranquila que o assentamento proporciona para as famílias. Somente uma entrevistada relata que não mudou nada. Para as mulheres ter uma casa boa, ter energia elétrica bolsa família tem um significado muito importante, pois esses elementos pertencem ao espaço que é de domínio delas, que é principalmente a casa. A terra, expressado no assentamento retrata a importância delas morar ali e construir novas relações. Neste sentido as mulheres se sentem "donas" da terra, primeiro porque a titulação é no nome delas e segundo porque as mulheres conseguiram pautar o debate das mulheres em relação à igualdade entre homens e mulheres. Às vezes as mulheres deixam perceber em suas falas, que os homens têm ciúmes por elas terem o título da terra.

Concordando com Esmeraldo:

As formas de reconhecimento e as capacidades experimentadas e incorporadas como novos saberes e praticas materializada na luta, nas reivindicações, na resistência, na coordenação, na organização, na tomada de decisão, no discernimento, na comunicação, no debate, na reflexão são assimilados pelas mulheres. São saberes vivos, dinâmicos, que realizam no cotidiano da luta e na ação e formação feita de maneira concomitante. São aprendizados que resultam de desejos, motivações e também de intencionalidades políticas que se transformam em força produtiva fundamental para a tomada de consciência e a ação protagonista e transformadora das mulheres. As relações políticas e formativas que se realizam entre mulheres potencializam possibilidades de incorporação de modo interligado de formação e da luta contra o projeto neoliberal, contra o avanço de políticas de destruição das economias camponesas, e suas identidades culturais a favor de sua autodeterminação e soberania (ESMERALDO 2013, p. 254 in CAMPOS).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se é verdade que a reprodução do capitalismo se dá nas diferentes formas de produção, no campo também é verdade que os camponeses estão inseridos dentro desse modo de produção.

No entanto afirma-se que essa questão do capitalismo se desenvolve nesse contexto de produção, comercialização dos produtos do campo. Levando em conta que a agricultura camponesa é composta de famílias que produzem produtos para a venda e autoconsumo.

O capitalismo agrário manifestado no agronegócio tem suas bases no patriarcado que parte do princípio da exploração e do controle, de que o homem, é quem tem o domínio sendo o centro da produção e da comercialização, levando em conta outro fator que é a divisão sexual do trabalho, sendo a agricultura do agronegócio geralmente produzida por homens, esses produtos (soja, milho, cana de açúcar, eucalipto...), tem valor monetário, são vendidos.

Por outro lado, a produção do auto sustento familiar é produzido em pequena escala para o consumo familiar e geralmente não é comercializado, ou seja, não gera valor monetário, cabendo a mulher o trabalho. Ainda pode-se dizer que essa produção geralmente é feita pelas mulheres nos “restos, sobras de terra¹²” a produção da monocultura, faz com que esses espaços fiquem cada vez mais reduzidos. Araujo in argumenta Saffioti;

...ao afirmar que o patriarcado e capitalismo são faces de um mesmo sistema produtivo de classe e gênero foram sendo destruídos simultaneamente ao longo da história, e, por conseguinte, as discriminações sofridas pelas mulheres ao longo da história apresentam dimensões de ordem econômicas, políticas para fins exclusivamente analíticos é impossível, separar segundo sua filiação ao patriarcado e ao capitalismo (ARAUJO, 2011, p.44).

As famílias camponesas vivem no modelo de produção capitalista, há relações de exploração de classe e de gênero, porém em se tratando da produção as mulheres desenvolvem, vale ressaltar que a produção camponesa de alimentos para o autoconsumo familiar feita pelas mulheres nega os padrões do capital, pois esta tem autonomia sobre suas pequenas parcelas de terra para produzir, mas relações de troca.

¹² “Restos sobras de terra” são pequenos espaços de terra utilizados para a produção de comida (mandioca, batata, cebola, abóbora, melancia entre outros), que não são, ou impossível de cultivar com máquinas, sendo assim deixados. São nesses “restos” ou sobras que geralmente se desenvolve a produção do autosustento.

Para as monoculturas o valor é outro porque este é comercializado e recebe valor monetário, dinheiro, fazendo com que esse espaço que por algum tempo foi de produção de alimentos e diversidade, se coloca como território do capital.

O capital se territorializa, entendendo o território como espaço de poder, homogeneiza e individualiza a produção e as relações de produção, se apropria da força de trabalho, do lucro da produção que se materializa na circulação. As mulheres camponesas rechaçam pelo fato de serem autônomas em sua produção de autoconsumo e domínio sobre o território utilizado, negando o capital, reafirmando a importância desses espaços de produção para reprodução familiar das camponesas.

Cito elementos importantes relatados na pesquisa de campo como o trabalho das mulheres não reconhecido, por outro lado um certo “domínio” do dinheiro, a produção de alimentos saudáveis, o reconhecimento da profissão e sua importância na economia da família pelas pesquisadas, os programas governamentais e políticas de assentamento, crédito entre outras não tem conseguido manter a dinâmica das famílias camponesas na produção da vida das famílias, fato é que a maioria dos homens das famílias assentadas prestam serviço de diaristas em lavouras, construção civil com intuito de garantir a entrada de dinheiro nas unidades de produção e quem de fato faz a produção de auto sustento e venda do excedente são as mulheres.

É praticamente um consenso, a melhora de vida depois que as famílias foram assentadas, porém há a necessidade de investimento na geração de renda das famílias, produção, industrialização e comercialização. E, as famílias pretendem permanecer no assentamento, pois além de ser uma conquista é fruto das lutas.

Há uma divisão sexual do trabalho entre os homens e as mulheres, público e privado, com retorno de dinheiro e sem retorno de dinheiro, respectivamente, as mulheres quase na maioria são quem fica com o dinheiro, porém esse dinheiro é gasto praticamente nos mercados onde quase na maioria, também são as mulheres que fazem compras, ou seja, o pouco dinheiro retorna nas necessidades básicas da unidade de produção.

Se olharmos do ponto de vista do trabalho e das relações de trabalho e de classe há um aprofundamento na exploração das mulheres por um lado o sistema capitalista cada vez mais impregnado nas relações de produção e expressado no caso do campo na face do agronegócio, comprometendo o ciclo camponês e por outro o patriarcado que se aprofunda sutilmente nas relações intrínsecas de poder.

É necessário superar essas desigualdades de gênero e classe, transformar relações as bases materiais que sustenta a cultura dominante, e construir novas relações humanas e com a natureza, destruindo as formas de opressão de gênero e classe.

REFERÊNCIAS

- ANMTR-RGS (Associação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Rio Grande do Sul). **Soberania Alimentar Compreensão e Ação na Luta Camponesa**. 2007.
- ARAÚJO, Djacira Maria de Oliveira. **A Pedagogia do Movimento Sem Terra e as Relações de Gênero: Incidências, Contradições e Perspectivas em Movimento**. Salvador, 2011.
- BACELAR, Tânia. **As Políticas Públicas no Brasil: Heranças Tendências e Desafios**. In: SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos. (Org.). *Políticas Públicas e Gestão*. Rio de Janeiro: FASE, 2003.
- BATISTA, Andrea; ANZILAGO, Julciane. **O Agronegócio na América do Sul: Algumas Considerações Cartográficas**. Trabalho da Disciplina “Cartografia Geográfica para Análise do Discurso Geográfico” no Curso de Mestrado em Geografia – UNESP (Presidente Prudente).
- BRENER, David Garcia. **Texto La Política agrária Comunitária y la revisión de 2008**. In *Revista de Economía Institucional*, v. 11 n.20, (2009).
- CAMPOS, Cristiane Senhorinha Soares. **A Face feminina da Pobreza em Meio a Riqueza do Agronegócio**. 1ª Edição. Buenos Aires. Clacso. 2011.
- CHILDE, V. Gordon. **A evolução cultural do homem**. 5ª. Rio de Janeiro: Ed. ZARAH. 1981a.
- _____. **O que aconteceu na História**. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: ZARAH. 1981b.
- ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular. 2010
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Sobre a Tipologia de Territórios. 2008**. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp, campus de Presidente Prudente. Disponível em: <http://acciontierra.org/IMG/pdf/BERNARDO_TIPOLOGIA_DE_TERRITORIOS.pdf>. Acessado no dia 10 dez 2010
- FERNANDES, Bernardo Mançano. WELCH, Clifford Andrew. GONÇALVES, Elienai Constantino. **Políticas Fundiárias no Brasil: Uma análise geo-histórica da governança da Terra no Brasil**. 2 Governança da Terra no Século XXI: *Sessões Framing The Debate*. Series, no.2 2012. ILC Roma.
- HESPANHOL, Rosangela Ap. de Medeiros. **Mudança de concepção das políticas públicas para o campo brasileiro: o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)**. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2008, vol. XII, nº. 270). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-270/sn-270-79.htm>>. Acessado no dia 08 de dez-2010.
- LOUREIRO, Walderês Nunes. **O Aspecto Educativa da Prática Política: A Luta do Arrendo em Orizóna**. Dissertação de Mestrado, Fundação Getúlio Vargas. Instituto de Estudos Avançados em Educação. Departamento de da Filosofia da Educação. RJ. Ano 1982

MARQUES, M. I. M. **A atualidade do uso do conceito de camponês**. Revista NERA. Presidente Prudente, SP. Ano 11, nº. 12 pp. 57-67, jan./jun. 2008.

MDA. MINISTERIO DO DESENVOLVIMENTO AGRARIO. **Agricultura familiar no Brasil e o censo agropecuário de 2006**. Brasília: 2009.

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **Campanha nacional de produção de alimentos saudáveis**. Texto impresso e digitalizado. Passo Fundo, 2007.

_____. **Declaração do I Encontro Nacional do Movimento de Mulheres Camponesas**. Fevereiro de 2013

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A Agricultura Camponesa no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 1996

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos – uma contribuição à história da educação brasileira**. São Paulo, Loyola, 1973.

PALUDO, Conceição. **Mulheres resistência e luta em defesa da vida**. São Leopoldo. CEBI. 2009

PESSOA, J. de M. **A revanche camponesa: cotidiano e história em assentamentos De Goiás**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Ciências Sociais (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Campinas: [s.n.], 1997.

REIS, N. G. **Evolução urbana do Brasil 1500/1750**. São Paulo: Pini, 2000. 209 p.
SAQUET, Marcos Aurélio. SPOSITO Eliseu Sevério. (organizadores) **Territórios e Territorialidades teorias processos e conflitos**. 1ª.ed. Editora Expressão Popular. São Paulo.2009

SERRANO, José Antônio Segrelles. **Las Políticas Agrorurales de la Unión Europea y su Preción Econômica y Social sobre los Espacios Rurales Latino Americanos**. (Aula expositiva). **Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia FCT/UNESP, Campus Presidente Prudente/SP, (2011)**.

SHIKI, S. **Crítica ao modelo de desenvolvimento dominante nos Cerrados e transição agroecológica**. Texto para discussão preparado para o Encontro Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro, 30/07 – 02/08/2002. In: CARVALHO, H. M (Org.). **O campesinato no século XXI: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SOUZA, Renato Dias de. **Aspectos do debate Historiográfico Sobre Trombas e Formoso-GO**. II Seminário de Pesquisa de Pós- graduação em História UFG/UCG. Setembro de 2009. Goiânia/GO.

SPEYER, Anne Marie. **Educação e Campesinato. Uma educação para o homem do meio rural**. São Paulo: Loyola, 1983.

Sítios consultados:

Censo: agricultura familiar produz mais em menor área. (2009). Disponível em: <http://www.mda.gov.br/portal/noticias/item?item_id=3594546>. Acesso em 15 de abr. 2013.

http://www.agende.org.br/home/Cedaw_ContraInforme_13julho_se.pdf acesso em 14 abr. 2013

http://www.mda.gov.br/portal/noticias/item?item_id=3594546>. Acesso em 08 dez. 2010.

<http://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/cadernobiodiversidadeANA.pdf>

Uso e Conservação da Biodiversidade. Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia. Abril de 2007. <http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/folder_violenca2007>. Acesso em 14 abr.2013.

https://www.google.com.br/search?q=mapa+de+Porangatu+GO&espv=210&es_sm=93&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=MCPUUoyoEo6NkAflp4HQBg&ved=0CAkQ_AUoAQ&biw=1366&bih=666#imgdii=_. Acesso em 13 jan.2014

IBGE. Censo Agropecuário -Agricultura Familiar. **Comunicação Social.** (2009). Disponível em: Plano Safra 2011/1012. Disponível em <<http://maisrural.com.br/?p=166>> (2011) Acesso em 15 abri 2013.

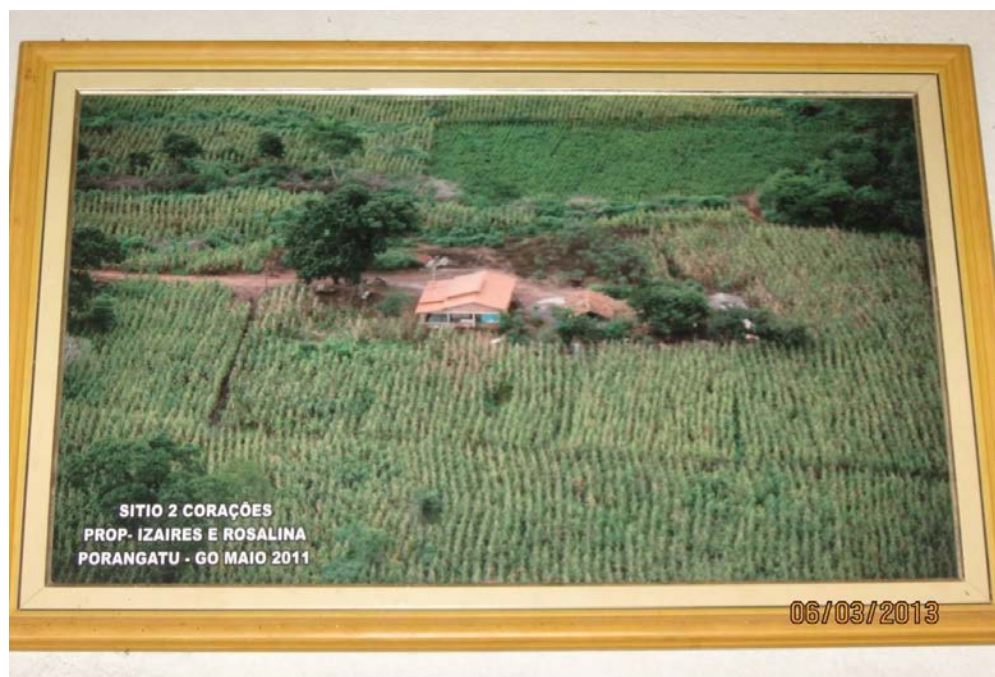
APÊNDICE A – Acervo fotográfico

Figura 4 - Entrada do Assentamento Fernando Silva -Porangatu /GO



Fonte: Clifford Andrew Welch, 2013.

Figura 5 - Foto panorâmica da propriedade de Izaires e Rosalina no Assentamento Fernando Silva



Fonte: Clifford Andrew Welch, 2013.

Figura 6 - Bananal no Assentamento Fernando Silva



Fonte: Trabalho de campo/entrevistas. Organização: Anzilago, 2013.

Figura 7 - Produção de Bananas ecológicas no Assentamento Fernando Silva



Fonte: Trabalho de campo/entrevistas. Organização: Anzilago, 2013.

Figura 8 - Ocupação do posto do INSS em Porangatu- GO



Fonte: Trabalho de campo/entrevistas. Organização: Anzilago, 2013.

Figura 9 - Encontro de Formação no Assentamento Fernando Silva



Fonte: Trabalho de campo/entrevistas. Organização: Anzilago, 2013.

APÊNDICE B – Questionário da pesquisa e respostas

Para melhor identificação dos dados, serão apresentadas as perguntas com as respectivas respostas por cada mulher, que serão identificadas em algarismos arábicos.

1) Qual o seu nome?

1. Maria Aparecida Machado
2. Maria Aparecida Ferreira de Oliveira
3. Rosalina Pereira Frades
4. Lucia Pereira de Souza
5. Cristiane Alves da Silva
6. Solange Pereira de Carvalho
7. Maria de Lurdes Pereira Frades
8. Elenice Maria de Paula
9. Isaura Ferreira Lopes da Costa
10. Quilva Abadia da Costa Silva

2) Qual a sua idade?

1. 39
2. 36
3. 37
4. 29
5. 34
6. 34
7. 42
8. 40
9. 64
10. 29

3) Quantos filhos têm?

1. 3 meninos, total de 3 filhos
2. 2 meninos e 1 menina, total de 3 filhos
3. Não tem
4. 1 menina, total de 1 filho
5. 2 meninos e 1 menina, total de 3 filhos
6. 1 menino, total de 1 filho
7. 1 menino e 1 menina, total de 2 filhos
8. 1 menino, total de 1 filho
9. 2 meninos e 2 menina, total de 4 filhos
10. 2 meninos e 1 menina, total de 3 filhos

4) Qual o seu estado civil?

1. Solteira (mora com o marido)
2. Casada
3. Casada
4. Casada
5. Viúva
6. Solteira (mora com o marido)
7. Solteira (mora com o marido)
8. Solteira (mora com o marido)
9. Casada
10. Casada (mora com o marido)

5) Qual o nome do assentamento em que você se encontra?

1. Fernando Silva
2. Fernando Silva
3. Fernando Silva
4. Fernando Silva
5. Fernando Silva
6. Fernando Silva
7. Fernando Silva
8. Fernando Silva
9. Fernando Silva
10. Fernando Silva

6) Qual o nome da sua parcela?

1. São Sebastião. Nº 10
2. Sítio Três Irmãos. Nº 02
3. Sítio Dois Corações Nº
4. Sítio Betel Nº9
5. Chácara Nossa senhora de Fátima Nº 11
6. Rancho Beira da Mata Nº 12
7. Sítio Vida Nova Nº 72
8. Chácara Santo Expedito Nº 7
9. Chácara Santo Expedito Nº 7
10. Chácara Nossa senhora Aparecida

7) Qual o tamanho da sua parcela?

1. 6,5 Alqueires
2. 7,8 Alqueires
3. 7,8 Alqueires
4. 9,9 Alqueires
5. 6,5 Alqueires
6. 8,5 Alqueires
7. 7,8 Alqueires
8. 6,0 Alqueires
9. 6,0 Alqueires
10. 7,8 Alqueires

8) Qual o município que se encontra o assentamento?

1. Porangatu - GO
2. Porangatu - GO
3. Porangatu - GO
4. Porangatu - GO
5. Porangatu - GO
6. Porangatu - GO
7. Porangatu - GO
8. Porangatu - GO
9. Porangatu - GO
10. Porangatu - GO

9) Quanto tempo ficou acampada na lona preta?

1. 2 anos
2. 7 anos
3. 1 ano
4. Não ficou acampada na lona preta
5. 3 anos 6. 3 anos
6. 8 anos
7. 3 anos e 8 meses
8. 2 anos e 1 mês
9. 3 anos

OBS: Média de 3,29 anos (a mulher com maior período foi com 8 anos e a menos nunca ficou na lona o preta).

10) Como as mulheres se organizam no Assentamento? Atividades, encontros, reuniões e entre outros.

1. As mulheres se organizam pra jogar bola, fazer artesanato.
2. As mulheres participam mais do que os homens, no Assentamento, de Associações, do Movimento de Mulheres Camponesas, cursos de capacitação;
3. Se organizam em reuniões, atividades do Movimento de Mulheres camponesas, viagens para mobilizações;
4. As mulheres não se organizam, no MMC13 se organizam um pouco;
5. Grupos de associação, grupos do MMC; sindicato;
6. Eu não participo quase de nenhuma atividade;
7. As mulheres fazem reuniões, aqui não tem quase nada ainda;
8. Ultimamente, não estou se organizando, está faltando organização;
9. Se organizam em grupo de mulheres do movimento de Mulheres Camponesas;
10. Se organizam em reuniões, associações, encontros do MMC.

11) Quem é que participa das reuniões atividades no Assentamento? Porque?

1. Eu (Maria), porque o lote é no meu nome, as coisas em relação ao assentamento é tudo eu que sou a proprietária.

¹³ MMC Movimento de Mulheres Camponesas

2. Sempre participa o casal, as mulheres participam bastante. Porque como a titular é a mulher, se tem que assinar alguma coisa, quem assina primeiro é a mulher;
3. A maioria é o homem, mas sempre vou nas reuniões, nas festas sempre vai os dois;
4. Os dois participam, ele¹⁴ é o vice-presidente da Associação e eu vou junto;
5. Eu, agora que sou viúva. Antes era os dois que participava;
6. Só os dois, porque eu vou, e ele gosta de participar junto;
7. Os dois, o homem e a mulher, as vezes ele vai sozinho nas reuniões. Fazem Poucas festas e quando tem vai todos;
8. Os dois, mas é mais as mulheres quem participa, porque os lotes é no nome das mulheres, eles parece machista;
9. Os dois, eu e o meu véio. Ele tem que me levar.
10. Manuel, (marido), porque eu estou estudando.

OBS: dos 60% que participa o casal na maioria das vezes afirma-se a participação das mulheres, tendo dois elementos importantes: quem é a titular do lote é a mulher e as mulheres gostam de participar das atividades.

12) Quais as políticas públicas são aplicadas no assentamento?

1. Casa/habitação, o fomento não pegou, apoio inicial, Não pegou o Pronaf, não pegou ainda o Pronaf Mulher, bolsa família, energia;
2. Apoio inicial para Assentamento INCRA, Atividades do MMC/seminários, Moradia, Bolsa família, não foi aprovado o fomento ainda, a estrada foi o município que fez, pronaf pra gado não saiu, Luz pra Todos em 2012;
3. Credito apoio adicional de R\$ 15.000,00 para casa/moradia, apoio inicial de R\$ 2.400,00
4. Arração de terra da prefeitura, estrada arrumada, transporte escolar;
5. Energia elétrica, não recebeu o apoio inicial e nem o dinheiro da casa, o que fez na casa é por conta própria e o INCRA nunca arrumou a papelada para regularizar;
6. Apoio inicial para alimentos e ferramentas, apoio habitação, não recebeu o fomento que é para semente adubo e arame, energia elétrica, não recebe a bolsa família;
7. A estrada quem arrumou o ano passado foi à prefeitura, não pego o apoio inicial, não pegou o recurso para casa/habitação, pegou a energia elétrica Luz para todos, lote.
8. A energia foi tudo facilitou muito para lavar roupa ajuda excelente, apoio inicial, bolsa família;
9. Apoio inicial, energia elétrica, somos aposentados os dois da previdência social¹⁵.
10. Energia elétrica, moradia/casa.

¹⁴ Quis dizer que o marido dela é o vice-presidente da associação.

¹⁵ Quer dizer, que os dois são aposentados da previdência social. A mulher foi aposentada a partir da luta das mulheres, do MMC quando estas ocuparam a agencia no INSS no município de Porangatu/GO.

OBS: INCRA credito adicional (casa) R\$ 15.000,00, Apoio inicial R\$ 2.400,00 (ferramentas, alimentos), Governo Federal- Luz para Todos, Bolsa Família; Prefeitura- estrada, aração de terra, Credito- não tem Pronaf e nem Apoio mulher, MMC-seminários e Previdência Social.

13) O que melhorou na vida de vocês com as políticas públicas que tem no assentamento?

1. Ajudou muito, pois por exemplo, a bolsa família paga todo mês especialmente para a mulher que não tem muita coisa para fazer no assentamento.
2. Mudou muita coisa, dinheiro não tem, mas é uma vida tranquila para a criação dos filhos;
3. Melhorou bastante, passou do barraco para a casa, mudou 100%. O apoio ajudou quando passou pra dentro das parcelas, na comora de alimentos, ferramentas de uso na parcela;
4. Ficou fácil de ir pra cidade, a aração de terra de graça ficou melhor;
5. Nós, não melhorou nada, porque não recebemos políticas publica que ajudasse no lote;
6. Mudou tudo, aqui tem mais sossego, vive tranquilo;
7. Só melhorou a questão do lote principalmente e a energia o resto não pegamos;
8. Melhorou muito, muito conserva de alimentos melhor proveito, não perde os alimentos;
9. Vive independente, vivia na terra alheia, dos outros, agora facilitou muito, é uma pessoa livre, antes vivia escravizado;
10. Melhorou bem, antes era péssimo morar em barraco, melhorou na qualidade de vida.

14) Quem ajuda vocês no Assentamento? (sindicato, prefeitura, movimento) em que?

1. Prefeitura com estrada, linha de ônibus, pra fazer compras; o Movimento de Mulheres Camponesas; apoio do sindicato;
2. O sindicato tem dificultado o desenvolvimento; a prefeitura tem ajudado, apesar de ser assentado pelo sindicato, os benefícios da previdência tem que deixar uma parte para o sindicato. O MMC tem feito mais que o sindicato, atividades reuniões.
3. Tem apoio do sindicato e prefeitura e o Movimento de Mulheres Camponesas com atividades cursos.
4. O sindicato não ajuda, o MMC ajuda e eu participo das atividades e a associação mais ou menos;
5. O sindicato, o Movimento de Mulheres Camponesas com reuniões formação... e a prefeitura de vez em quando;
6. O sindicato não me recebeu quando precisei e não ajuda; o MMC ajuda na formação para as mulheres.
7. O MMC conseguiu o trator. A prefeitura tirou à escolhinha do Assentamento e ficou ruim porque tem tanta criança pequenininha e que deveria estudar no assentamento, as crianças dormem nos bancos dos ônibus. O ônibus sai 10:30 hs da manhã e chegam as 20:00hs da noite ,quem estuda em Porangatu;
8. A prefeitura de Mutunópolis ajuda muito;
9. A prefeitura de Mutunópolis, o Movimento de Mulheres Camponesas conseguiu a aposentadoria, se não fosse o movimento eu não teria conseguido;

10. A prefeitura ajuda em estrada, transporte, aração de terra, o sindicato não ajuda em nada;

15) Titulação da terra é no nome de quem?

1. Mulher - Maria Aparecida;
2. Mulher - Maria Parecida;
3. Mulher - Rosalina;
4. Não tem a titulação ainda, faz pouco tempo que mora aqui;
5. Mulher - Cristiane;
6. Mulher - Solange; no meu nome
7. Mulher - Lurdes, só é no nome dos homens onde não tem mulher
8. Mulher - Dona Isaura (minha sogra)
9. Mulher - Isaura, os homens tem ciúmes das mulheres;
10. Mulher - Quilva, no meu nome;

16) O que significa pra você, mulher ter a terra?

1. A mulher desfaz menos que o homem, segura mais, é mais garantido, o INCRA colocou isso pra segurar mais;
2. É bom porque dá condições de sobrevivência, ter o local de plantar e ter o lugar da gente é um sonho realizado, apesar de não ter muitas condições de tocar a propriedade com mais recursos.
3. Significa muitas coisas, antes morava na terra dos outros não tinha liberdade, hoje tenho liberdade total aqui;
4. Que ela é uma trabalhadora rural, eu vou onde meu marido vai e ele gosta da roça;
5. Ter, dar futuro aos filhos, ensinar os filhos trabalhar, mais futuro é bem melhor que na cidade;
6. Pra mim não tem importância nenhuma, estou aqui por causa dele (marido);
7. Significa tanta coisa que nem sei como explicar, eu gosto muito de viver na roça, nasci e cresci na roça, é sair da cidade e vir pra roça, é sair de trabalhar para os outros e ir no lugar da gente. Vir pro assentamento conquistar a terra é sair do inferno e ir para o céu. As vezes fica contrariado mas passa, aqui é meu, saber que é meu é muito bom;
8. Eu acho que a mulher ter terra é ter segurança, porque nós pensamos nos filhos e temos que guardar para eles, é segurança, os homens sempre pensa em qualquer coisa que acontece vender a terra.
9. É muito importante, é realização de um sonho, hoje me sinto realizada;
10. É um direito a mais conquistado é mérito da luta, em outros tempos era só os homens que tinham a terra no nome.

17) O que melhorou na sua via depois de ser assentada?

1. Melhorou muito, pois eu não dava conta de comprar uma casa e nem um lote, hoje tenho minha casa, fiz do tamanho que eu queria;
2. Melhorou em tudo, é melhor para a criação dos filhos; no financeiro, é diferente aqui não precisa pagar água, diminuiu o gasto com alimentação, a alimentação é muito mais saudável para a família; tranquilidade; produz boa parte da alimentação e sem veneno;

3. Melhorou em todos os sentidos, tem tranquilidade de fazer o que quiser, a maioria das coisas de consumo, comida a gente tira da terra, aproveita a diversidade de alimentos, frutas da propriedade; trabalha por conta própria e não é mandado de ninguém.
4. Aqui é bom porque fica mais com a família. Não paga aluguel, é ruim porque não pode trabalhar na cidade, na cidade tinha como trabalhar;
5. Posso criar minhas vaquinha, não precisa comprar tanta coisa, tem arroz, verdura, manteiga, faço minha farinha e polvilho e o que sobra vendo, fartura e sossego.
6. Pra mim até agora não melhorou nada;
7. Melhorou muito, mesmo estando no barraco de lona, é meu, não pago mais aluguel. Agora já saiu a concessão de uso da terra, falta a casa;
8. Nunca pensei nisso, melhorou muito, melhorou a casa, que é sua; a terra que é sua e o que produz é seu....é bom demaaaaais.
9. Tudo, o jeito de viver, ter liberdade aqui é bom. Tudo que a gente cria é nosso, gado galinha porco, não tem que dividir com ninguém, ninguém manda em nós;
10. Adquiri mais conhecimento dos direitos da gente (não melhorou muita coisa)

18) O que as mulheres conquistaram na luta?

1. As mulheres sempre estiveram na luta, nas atividades, lutas em Goiânia para ter melhorias no assentamento;
2. As lutas deram conquista de direitos da previdência (MMC), titulação da terra, a terra é fruto da luta das mulheres também;
3. As mulheres fizeram a luta pelos direitos da previdência e agora tem mais acesso e facilidade se ter;
4. A terra no nome das mulheres;
5. Conquistou mais independência, a mulher se mostra mais unida para trabalhar;
6. A única coisa que conquistei foi essa terra;
7. Os direitos da previdência é luta das mulheres em Porangatu no INSS, projeto da farinha que está para sair; credito apoio mulher para sair , estamos lutando;
8. Foi a terra, porque se a mulher não for "pé quente" e aguentar os homens desistem fácil demais. Se não fosse as mulheres nós não tinha essa terra;
9. Muita coisa, hoje conquistou conhecimento sobre os direitos das mulheres das pessoas. Direitos tem, mas não conhece;
10. A liberdade a independência ter direito de ir e vir como qualquer outra pessoa.

19) Quais são os trabalhos das mulheres em sua casa?

1. Cuidar da casa, cuidar das criação, fazer artesanato, coisas do dia -a dia;
2. Lavar, passar, cozinhar, cuidar das galinhas, dos animais, a gente não quieta (eu faço os serviços meus e do meu marido);
3. Arrumar a casa, fazer comida, lavar roupa, passar, cuidar do quintal, eu que cuido; produção de alimentos, cuidar dos animais, galinha, porco...
4. Do lar mesmo;
5. Ich... tudo, ainda mais agora que não tenho marido;
6. É tudo, capina, animais (porco, galinha...)
7. A mulher faz serviço até dos homens: roça, capina, planta, não consigo dormir de dia, acostumei tanto a trabalhar que não durmo de dia. O homem não trabalha no domingo no feriado....

8. Cuidar da casa, cuidar da horta das hortaliças, cuidar dos animais galinha, porco e faz com muita garra;
9. Ajudo na roça, eu vou na roça com eles, cuido da criação, horta, galinha, colher arroz... vou mias na roça pois quem fica em casa é minha nora;
10. Tomo conta da casa, cuidar dos animais criação, eu não vou na roça.

20) Quais são os trabalhos dos homens em sua casa?

1. Trabalhar né! cuidar da terra, plantar cuidar do gado;
2. Cuidar do gado das roças, trabalha fora de diarista;
3. Colocar o sustento em casa as vezes , muito pouco faz as tarefas diárias;
4. Cuida do gado, cuida da lavoura, roça parcela;
5. ###
6. É tudo também, capina, gado, vacas;
7. O homem trabalha fora;
8. Cuida da terra, roçar, preparar a terra pra ficar mais fácil pra nós;
9. Tira leite, mexe com o gado, com roça;
10. Cuidar da terra;

21) Quem decidiu o modelo da casa?

1. Eu, a mulher;
2. Fui eu (Cida), todos participaram, mas quem fez a planta fui eu;
3. Eu, Rosa;
4. Já estava feita;
5. Ele(quando estava vivo);
6. Meu marido;
7. Não fez a casa ainda;
8. Os homens;
9. Meu filho;
10. Eu, a mulher.

22) Quem trabalhou na construção da casa?

1. Trabalho contratado e a família como um todo;
2. Foi feito em mutirão, todos ajudaram, família, parentes;
3. Meu marido Izaires, pagou dias de serviço;
4. A casa já estava feita;
5. Foi nós dois;
6. Feito em mutirão;
7. Não fez a casa ainda;
8. Foi mutirão entre as famílias;
9. Mutirão e diárias pagas;
10. Mutirão e nós dois que terminou, eu ajudei em tudo.

23) Como foi a criação dos filhos, qual a tarefa do homem e da mulher?

1. O homem diz que a obrigação deles é colocar comida dentro de casa e a mulher na educação em geral, mas não foi assim, cada um tinha suas responsabilidades;
2. Tenta passar para os filhos o que aprendeu, nós tínhamos mais medo; os filhos tem liberdade com os pais nas brincadeiras, falar sério. As tarefa é feita junto, dos dois, os dois discutem e conversa bastante;
3. Não tem filhos;
4. Educar os filhos, a menina não dá trabalho, quem fica com os filhos é eu, é eu que cuido é eu, o pai fica mais nas tarefas;
5. Ele ensinava os meninos trabalho de homem e eu a menina, mas era em conjunto, nós se ajudava;
6. Quem trabalhou na educação, tudo dos filhos é eu, as tarefas é minha;
7. Sempre da parte da educação ela (a mulher), e das coisas, nas decisões de sair de casa é ele (homem) que decidia em sair em chegar, tem autoridade. Eles filhos ficam mais comigo (mulher) e eles respeitam mais o pai deles;
8. Cada um cuida dos seus, (filhos), pois cada um tem um, moramos juntos (marido e mulher)a pouco tempo- 2 anos que estamos juntos;
9. Quase tudo é igual levava o menino na roça a educação foi junto;
10. Foi tudo feito junto, educação cuidado, sempre foi feito junto, ele sempre me auxiliou.

24) Com quem fica o dinheiro da família?

1. Com mulher;
2. O dinheiro fica comigo (Cida),para pagar as cotas, se sobrar vai pra carteira dele;
3. Com o Zaires/homem paga as contas, se eu (Rosa) produzir fica com ela, se vender artesanato;
4. Com a mulher, comigo;
5. Com eu agora;
6. Com ele;
7. Fica com a mulher e apesar de que é ele que trabalha para ganhar o dinheiro e eu (mulher) trabalho em casa;
8. Com ele pra comprar as coisas;
9. O do marido fica com ele, e o meu fica com meu filho, é ele que faz as coisas;
10. Comigo (mulher) ele trabalha e passa pra mim.

25) De onde vem o dinheiro/renda da parcela?

1. Vem de fora (o homem é diarista, é pedreiro), ainda não temos condições, recursos de fazer a parcela produzir. Plantamos horta, milho, tudo que é de comer, porco, galinha, pomar bonito;
2. Da parcela tem a renda de gado, de produção de auto-sustento, quase não compra nada no mercado para comer, produz milho, mandioca arroz, galinha horta. Tem o dinheiro de diárias que vem de fora da parcela;
3. Trabalho fora do Zaires, motorista de ônibus escolar. Artesanato, milho, galinha;
4. Vende bezerros, diárias do marido, bolsa família;
5. Do trabalho de agente comunitária de saúde; leite, polvilho, farinha de mandioca, ovo, frango, gado quando tem;
6. O dinheiro fica com ele, ele trabalha na doma de cavalos, não produz roça para vender da parcela. Produz tudo para comer milho, arroz, mandioca;
7. Só o trabalho do esposo, ele é diarista. Produz frango, ovos, milho, mandioca, arroz;

8. Meche com leite, bolsa família, aposentadoria do sogro e sogra. Quase não compra nada no mercado, produz galinha, porco, cocar, horta, milho, mandioca, arroz, abobora;
9. Vem do leite, para comer produz tudo, abóbora, quiabo, giló, mandioca, verdura, arroz, só compra café e açúcar;
10. Produz os alimentos, produção de alimentos (ele trabalha fora de diarista pedreiro).

26) Como são tomadas as decisões na família em relação à oportunidade das mulheres estudar , sair de casa para reuniões?

1. Tudo é parceria, é muito tranquilo esse debate;
2. É tranquilo, é conversado tem incentivo do marido para estudar, fazer cursos, já foi bem mais difícil, era conflituoso, é disposto a levar e trazer, incentiva ela a ir as reuniões;
3. É tranquilo, conversa bastante sobre essa decisão é tomada junto;
4. É conversado entre os dois quem decide é ela e se ela souber que não estiver errado ela faz. Participa das coisas e se interessar a ela, ela vai;
5. Agora é eu que decido o que faço;
6. A discussão é feia, ele não aceita eu estudar, não é fácil;
7. É tudo complicado pois ele não gosta que eu saio de casa, se ele chegar em casa e eu não estiver ele não gosta. se ir na reunião ele vai comigo. Os dois vai.
8. Eu sou livre, ele gosta que eu participo, ele manda nós ir para as reuniões para ter mais conhecimento nas coisas aprender mais ;
9. É tomada em conjunto e é liberado, não tem problemas;
10. É bem aceito, ele concorda, tanto é que faço faculdade, tenho apoio.

27) Quem faz as compras no mercado?

1. Os dois, marido e mulher;
2. Cida (mulher) é difícil ele ir no mercado;
3. Eu (Rosalina), mulher;
4. Eu (a mulher);
5. Eu mesma;
6. Ele faz as compras no mercado;
7. Eu a mulher;
8. Os dois juntos;
9. Antes era nós dois, agora é eu e meu filho;
10. Eu.

28) O que mudou entre os membros da família depois que vocês foram assentados?

1. Se conhecemos no acampamento, no assentamento, se conhecemos e se juntamos;
2. É bem mais tranquilo, tem mais conforto, tem mais tempo para conversar entre a família sobre os assuntos da família;
3. Como ele trabalha fora ela (eu) fico sozinha, é muito ruim ficar sozinha, é ruim para o assentamento, pois deveria ficar na parcela. Mesmo assim, a parcela tem produção de alimentos e produtos para vender, frango, ovos...
4. Não mudou nada, mas não pago aluguel mais, não paga água, entre nós estava junto e agora ficamos da mesma forma, só que agora eu cuido dos filhos;

5. A gente vive mais sossegado pode criar as coisas, apesar de não estar tudo arrumado;
6. Mudou muito, na rua nós não vivia bem, brigava muito, aqui, ele fica mais aqui e quando sai, sai junto;
7. Melhorou muito, morava de aluguel, temos novilhas, cria porcos que não tinha, sou satisfeita, pois aqui em casa sempre tem gente pessoas, gostam de nós;
8. Não sei nem responder, mas mudou tudo, agora moramos juntos com os sogros e eles estão de idade, fica mais fácil as coisas pra eles;
9. Mudou pra melhor, tem força de vencer, o animo é outro.
10. Melhor? Se bem melhor, tem mais lazer, a vida na rua é muito aterefada.

29) Quais as perspectivas de futuro no Assentamento?

1. Quero que o assentamento melhore, que tenha benefícios, trabalhar com alguma coisa, política de renda, Pronaf mulher, tem que dar oportunidade para a gente trabalhar montar uma cooperativa para ter renda, porque sempre fomos acostumados a ter nosso dinheiro. O INCRA coloca a parcela no nome da mulher e não dá mais condição de sobreviver aqui.
2. Muito boas, ter algo de produção, montar alguma coisa que gere renda para as famílias, ver o trabalho meu dar resultado trabalhar no Movimento de mulheres Camponesas. As vezes falta interesse das famílias em buscar oportunidades;
3. Tinha que mudar em as pessoas estar mais unidas, ter a conquista dar oportunidades de sonhar que a gente tinha, ter uma vida digna, se manter aqui e ter como sobreviver aqui dentro do assentamento;
4. Melhorar em muita coisa, sair o Pronaf para as famílias ficaria mais fácil. Só consegue ficar na parcela quem trabalha;
5. Que as coisas melhore, estrada boa, escola, posto de saúde para atender melhor as pessoas uma cooperativa;
6. Penso só em melhorar a vida, ter uma vida melhor para todos;
7. As vezes eu achava que melhorava minhas coisas, mas eu não quero sair daqui;
8. Que o povo tenha consideração, ter unidade, o povo está descrente a luta que a gente teve e parece que está descrente falta ter mais alegria, ter as coisas para ficar mais satisfeito;
9. Ter mais melhoria, mexer com horta, casa de farinha, ter análise da terra para ver o que precisa, assistência técnica, ter semente cuidando com o assentamento a terra é ácida; fiscalização de reserva;
10. Que melhore, que tenha mais benefício, tenho essa esperança desenvolver mais.

30) O que falta para sua família ter condições de melhorar de vida no Assentamento?

1. Falta jeito de trabalhar, condições de garantir renda aqui dentro do assentamento;
2. Ter incentivos para dar continuidade/ Pronaf/ ter projetos de produção de renda recurso para permanecer no assentamento;
3. Falta dinheiro, oportunidade de comercializar a produção das famílias;
4. Falta dinheiro, condições financeiras;
5. Melhor moradia e assistência do INCRA não só para mim, mas para todos. Assistência Medica melhorar o transporte para levar na cidade, não tem como vender as coisas na cidade, não tem ponte para passar o ônibus;
6. Falta muita coisa aqui, não tem renda, a dificuldade é muita não tem emprego fixo, é difícil;

7. Transporte, linha de ônibus dentro do assentamento, não tem transporte público/ escola para as crianças/moradia digna/ ter algo que gere renda dentro do assentamento sem ter que trabalhar fora do assentamento;
8. Falta liberar recursos para a produção de renda, ter oportunidade de investir mais além do leite, porque tudo o que vai fazer precisa de dinheiro;
9. Dinheiro, verba projeto de investimento geração de renda;
10. Mais oportunidade e apoio do governo, os benefícios de direito, não tem Pronaf ainda, não pegamos os benefícios ainda.

31) Qual é teu sonho?

1. Montar alguma coisa aqui dentro do assentamento pra gente trabalhar;
2. Ter condições de viver no assentamento, condições de produção de renda, ficar no assentamento. Enquanto tem idade para trabalhar, fazer algo. Os filhos estão trabalhando fora, queria ver eles fazendo formação pelos movimentos. A Alice (filha), quero que estude pelo Movimento e que ela fique morando aqui;
3. Nem sei se tenho sonhos (risos), chegar a velhice com saúde aqui no assentamento;
4. Que os filhos cresçam bem, educação escola, melhorar a casa, ter um carro bom para andar;
5. Poder criar os filhos, fazer pessoas trabalhadoras, que eles estudem ter um lugar para ficar sossegada aqui no assentamento;
6. Ter um carro futuramente, e terminar meus estudos entrar numa faculdade;
7. Ter uma escola para as crianças, tenha escola para as crianças no assentamento ter casa, ter jeito de trabalhar aqui sem ter que ir fora, outro lugar não me serve, quero trabalhar e viver aqui a vida toda;
8. Terminar de arrumar a casa, deixar bem bonitinha, ver tudo arrumado, tudo plantado: coco, gueroba...tudo verde/ andar de avião
9. Ver uma lavoura, ter um trator, ter gado de leite, ampliar a casa;
10. Terminar os estudos e trabalhar na área ambiental, pois o meio ambiente é tudo. Aqui no assentamento ficar aqui manter a parcela.

32) Qual é teu sonho para as mulheres do Assentamento?

1. A mesma coisa que eu sonho pra mim, trabalhar juntas as que estão na mesma situação que eu;
2. O sonho já está sendo feito, o MMC está trabalhando com as mulheres na organização, na produção de renda, peneiras, bordando chinelos, quero ver as mulheres trabalhando junto dividir experiência, fazer as coisas junto ter os grupos bons e colocar os grupos para trabalhar, ver as mulheres se orgulharem das conquistas delas mesmas;
3. O sonho para elas é o sonho para mim, que elas progridam e conquistem seu espaço;
4. Trabalho para fazer os grupos que melhore a vida das mulheres;
5. Conquistar mais independência, tem com os grupos de trabalho juntos para ter renda mensal das mulheres, ter mais união, que os movimentos ajudem mais, os governos fazer alguma coisa;
6. Que todas tenham uma vida digna;
7. Que todas pudessem trabalhar aqui no assentamento sem ir pra fora e que esse trabalho fosse reconhecido;
8. Continuar aqui, produzir aqui, não sair daqui porque eu não pretendo sair do lugarzinho da gente;

9. Cada um ter um jeito de produzir, de vender, cada um do seu jeito e que todas as mulheres tenham renda, vida digna;
10. Ter mais oportunidade, ter independência para elas mesmas, para a família, mas para elas mesmas ter seu própria renda/negócio.

33) Qual é teu sonho para o Assentamento?

1. Que o assentamento melhore;
2. Ver o trabalho nosso dar resultado, organização, gosto de pensar nos outros, dar exemplo para os outros trabalharem a produção da renda para as famílias;
3. Ter mais união entre as famílias que moram aqui perto, junto;
4. Melhorar a vida;
5. Que seja modelo par tudo, união prosperidade para todo mundo, não ficar esquecido pelos governos;
6. Que seja um assentamento modelo de união, tem muita briga entre os assentados;
7. Meu sonho é que o assentamento melhore, que ande, que as pessoas gostem daqui. Ter escola no assentamento;
8. Se juntar mais, fazer festas(junina), ter diversão, o povo esqueceu parece e se voltar a ter isso o povo fica mais unido.
9. Parcelamento da terra, o resto da verba para o povo organizar o assentamento, colocar o assentamento organizado aí melhora par a todos.
10. Ter mais união compreensão entre as pessoas, falta muito respeito.